

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO

Flávia Sirino de Oliveira

**LETRAMENTO DIGITAL: A PRÁTICA DE LEITURA E DE
ESCRITA MEDIADA PELO *BLOG***

JOÃO PESSOA - PB
2014

O48l Oliveira, Flávia Sirino de.

Letramento digital: a prática de leitura e de escrita mediada pelo Blog / Flávia Sirino de Oliveira.-- João Pessoa, 2014.

95f. : il.

Orientador: João Wandemberg Gonçalves Maciel

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Linguística. 2. Letramento digital. 3. Tecnologias digitais.
4. Blog educacional.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

FLÁVIA SIRINO DE OLIVEIRA

**LETRAMENTO DIGITAL: A PRÁTICA DE LEITURA E DE
ESCRITA
MEDIADA PELO *BLOG***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Linguística e Ensino, na linha Tecnologias Contemporâneas e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel

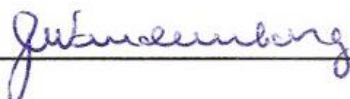
JOÃO PESSOA - PB
2014

**LETRAMENTO DIGITAL: A PRÁTICA DE LEITURA E DE
ESCRITA
MEDIADA PELO *BLOG***

FLÁVIA SIRINO DE OLIVEIRA

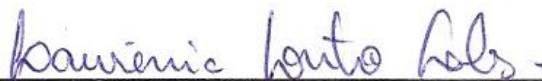
Dissertação de Mestrado avaliada em 23/ 07/ 2014 com conceito APROVADA

BANCA EXAMINADORA



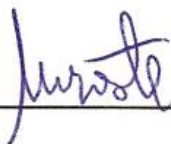
Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel - UFPB

Orientador



Prof^ª. Dr^ª. Laurênia Souto Sales - UFPB

Examinadora



Prof^ª. Dr^ª. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti - UFPB

Examinadora

Aos alunos que participaram desta pesquisa. Eles foram o espelho da minha paixão pela educação, pelo ensino, pela sala de aula. A cada nova aprendizagem deles, mais crescia em mim a motivação para continuar contribuindo e buscando por uma educação de mais qualidade para a escola pública.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde, fé e coragem que me fizeram chegar até aqui.

À minha filha Sofia Maria, cuja existência é a razão da minha vontade de viver mais e melhor.

Ao meu esposo, Walter Jr. Leitão, pelo apoio desde o início, quando o mestrado era apenas um grande sonho.

A Djaira Leitão pelo apoio, incentivo e orientação quando da construção do projeto de pesquisa que foi essencial para a entrada nesse mestrado.

A toda minha família pela força e confiança no meu potencial e pela torcida positiva que me entusiasma.

Aos professores do MPLE, que nos guiaram, nos encheram de garra e bons exemplos para continuar a caminhada acadêmica.

Ao professor do Dr. Alisson Brito, que participou como examinador na minha qualificação e fez observações muito necessárias para o amadurecimento do meu texto final.

À professora Dra. Marineuma Oliveira, que participou como examinadora na qualificação e na defesa desse trabalho. Suas observações, orientações, correções e questionamentos foram de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho.

À professora Dra. Laurênia Souto, que participou como examinadora na minha defesa e enriqueceu meu trabalho final com suas observações.

Ao meu querido e admirável orientador, professor Dr. João Wandemberg, pela confiança no meu trabalho e no meu potencial, pela dedicação e incentivo que me fizeram chegar à conclusão deste trabalho e ainda querer alcançar voos maiores posteriormente.

Aos amigos do mestrado pela união e apoio mútuos, em especial aos amigos Geovanna Cristina, Erivan Lopes e Elma Dantas, cujos incentivos e amizades me deram muita força nos momentos que mais precisei.

Aos amigos da EMEF Leônidas Santiago, professores, equipe técnica, administrativa e diretiva, em especial às queridas diretora e vice-diretora Madalena Guedes e Anna Dionísio, pelo apoio nos meus momentos de estudo e pela torcida para que tudo desse certo.

Como dizia magnificamente Durkheim, o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o “de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida”.

Edgar Morin

OLIVEIRA, Flávia Sirino. Letramento Digital: a Prática de Leitura e de Escrita Mediada Pelo *Blog*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino, Mestrado Profissional em Linguística e Ensino, 2014.

RESUMO

Através desta pesquisa, objetivo sugerir como utilizar o *blog* nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, enquanto recurso e estratégia pedagógica no desenvolvimento do letramento digital. Busco alcançar este objetivo através dos seguintes objetivos específicos: Propor o uso do *blog* educacional nas aulas de Língua Portuguesa; Relatar as experiências de uso do *blog* educacional, “A Leitura Liberta”, na mediação do processo de ensino-aprendizagem; Compreender como as ideias pedagógicas de aprendizagem são pensadas e incorporadas na construção e uso dos *blogs*. O *blog* “A Leitura Liberta” foi criado em 28 de julho de 2010, sendo, desde o início, pensado para ser colaborativo, pedagógico e interativo. Os trabalhos realizados nesse ambiente digital são guiados por projetos educativos. A pesquisa foi aplicada na EMEF Leônidas Santiago, localizada no bairro do Rangel, em João Pessoa-PB, com 118 alunos. Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizei o estudo bibliográfico e etnográfico. A abordagem qualitativa possibilitou o envolvimento cooperativo e interativo entre o pesquisador e o objeto de estudo. Escolhi trabalhar com o *blog* por ele possibilitar ao aluno um trabalho coletivo, permitindo a construção de novos saberes. Quanto aos resultados, observei, dentre outros, que os alunos adquiriram competências e autonomia que lhes permitiram lidar com questões relativas ao *design* visual, à interação e à navegação e aprenderam a fazer uso de estratégias cognitivas e metacognitivas que permitiram o direcionamento, a organização, o monitoramento e a avaliação crítica da construção do conhecimento, no ciberespaço. Portanto, o *blog* é um ambiente que possibilita debates, estimula a comunicação, a democratização de ideias, dissemina informações e proporciona a apreensão de conhecimentos com liberdade de expressão.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. Letramento digital. *Blog* educacional.

OLIVEIRA, Flavia Sirino. Digital Literacy: Practice Reading and Writing mediated Blog. Dissertation (Master). Federal University of Paraíba, Graduate Program in Linguistics and Education, Professional Master's in Linguistics and Education, 2014.

ABSTRACT

Through this research, goal suggest how to use the blog in Portuguese Language classes in Secondary School, while resource and pedagogical strategy in the development of digital literacy. I seek to accomplish this through the following specific objectives: to propose the use of educational blog in Portuguese Language classes; Report the experiences of using educational blog, "Reading Liberta", in mediating the teaching-learning process; Understand how the pedagogical ideas of learning are designed and incorporated into the construction and use of blogs. The blog "Reading Liberta" was created on July 28, 2010, and, from the beginning, thought to be collaborative, educational and interactive. The work done in this digital environment are guided by educational projects. The research was applied in EMEF Leonidas Santiago, located in Rangel district, in João Pessoa-PB, with 118 students. Regarding methodological procedures, bibliographic and ethnographic study utilized. The qualitative approach enabled the cooperative and interactive engagement between the researcher and the object of study. I chose to work with the blog by it to enable the student to a collective work, permitting the construction of new knowledge. As for the results, I observed, among others, that students have acquired skills and autonomy that allowed them to deal with issues relating to visual design, interaction and navigation and learned to make use of cognitive and metacognitive strategies that allowed the direction, organization, monitoring and critical evaluation of knowledge construction in cyberspace. So the blog is an environment that enables discussions, fosters communication, democratization of ideas, disseminates information and provides the seizure of knowledge with freedom of expression.

Keywords: Digital technologies. Digital literacy. Educational blog.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Matriz para tipificação de <i>blogs</i> (PRIMO, 2008).....	38
Figura 02: Página do <i>LiveJournal</i> em 2013.....	42
Figura 03: Página do <i>Pitas</i> em 2007	43
Figura 04: Página do <i>Blogger</i> em 2013.....	44
Figura 05: Interação dos alunos com a professora através da Caixa de Recados.....	60
Figura 06: Caixa do <i>Comments Plugin</i>	61
Figura 07: <i>Share Button</i> (Botão Compartilhar).....	62
Figura 08: <i>Send Button</i> (Botão enviar).....	63
Figura 09: <i>Like Box</i> e <i>Facepile</i> , no <i>blog</i> “A Leitura Liberta”	64
Figura 10: Página do <i>blog</i> “A Leitura Liberta”, no <i>facebook</i>	65
Figura 11: Alunos utilizando o <i>blog</i> “A Leitura Liberta”	66
Figura 12: Caixa de comentários do <i>blog</i>	67
Figura 13: Comentários sobre o projeto “Não às drogas, sim à vida” – 2012.....	71
Figura 14: Comentários sobre o Projeto “Ano Cultural Herbert Vianna” – 2012.....	72
Figura 15: Projeto “Ano Cultural Elba Ramalho e Cátia de França” – 2013.....	74
Figura 16: Comentário referente à pesquisa sobre a biografia de Cátia de França.....	75
Figura 17: Comentário sobre o gênero textual “Carta Pessoal”	75
Figura 18: Projeto “Viver bem é viver com saúde”– 2013.....	76
Figura 19: <i>Post</i> sobre a última etapa do Projeto: Relato de Experiência Vivida.....	78
Figura 20: Relato de experiência publicado no <i>blog</i>	81
Figura 21: Artigo de Opinião sobre o <i>Bullying</i>	82
Figura 22 – Comentário no <i>blog</i> , em 2012.....	83
Figura 23 – Comentário no <i>blog</i> , em 2013.....	84
Figura 24: Apresentação dos alunos na Estação Cabo Branco.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Diferenças existentes entre as gerações de jovens a partir de 1925.....	50
Quadro 02: Tipos de leitor.....	53
Quadro 03: Diferenças entre Nativos digitais e Imigrantes digitais.....	54
Quadro 04- Compilação das tecnologias mais usadas pelos alunos no desenvolvimento das atividades solicitadas no <i>blog</i>	78
Quadro 05 – Dificuldades apresentadas pelos alunos nos trabalhos com o <i>blog</i> “A Leitura Liberta” e as respectivas estratégias de solução.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	24
1.1 Alfabetização: apenas a aquisição de um código linguístico?.....	24
1.2. Letramento: conhecer para praticar.....	25
1.3 Alfabetização, letramento e ensino.....	28
1.4 Alfabetização e Letramento digitais: delineamentos e habilidades para navegação no ciberespaço.....	31
1.4.1 Habilidades para a autonomia no ciberespaço.....	34
2 BLOGS EDUCACIONAIS: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O LETRAMENTO DIGITAL.....	36
2.1 A Blogosfera.....	36
2.2 Conceituando o suporte digital <i>blog</i>	41
2.3 <i>Blogs</i> educacionais e suas contribuições para o letramento digital.....	45
2.4 Leitura e Escrita para nativos digitais: transformações e perspectivas.....	49
3 BLOG “A LEITURA LIBERTA”: DA CRIAÇÃO À UTILIZAÇÃO PEDAGÓGICA.....	56
3.1 Ferramentas de interação e colaboração inseridas no <i>blog</i> “A Leitura Liberta”.....	58
3.2 Projetos educativos: a base do trabalho realizado no <i>blog</i> “A Leitura Liberta”.....	65
3.3 Utilização do <i>blog</i> “A Leitura Liberta” nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II.....	72
3.4 Dificuldades apresentadas pelos alunos nos trabalhos com o <i>blog</i> “A Leitura Liberta”.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	90

INTRODUÇÃO

A sociedade atual vive um momento de muitas transformações oriundas do constante avanço tecnológico em seus diversos setores, tais como: econômicos, políticos, sociais e educacionais. A dinamicidade gerada por essas transformações atinge diretamente aqueles que já nascem envolvidos nesse mundo digital, repleto de informações e globalmente integrados.

Os jovens que chegam às escolas, hoje, são usuários assíduos de toda essa tecnologia e, muitas vezes, são confrontados com uma realidade pedagógica estagnada na ideia de que o professor detém o conhecimento, o aluno não sabe de nada que a escola tem a ensiná-lo e a função do aluno é ser passivamente um aprendiz.

É preciso diminuir a distância entre o pensar da escola e o do aluno, buscando novas ideias, métodos e técnicas que devolva à escola o poder de transformar os alunos em cidadãos críticos e capazes de mudar a realidade na qual estão vivendo, que acompanhe e ao mesmo tempo contribua para o avanço da dinâmica social em todos os setores.

Nesse contexto, a escola se encontra diante do desafio de desenvolver um trabalho voltado para o letramento digital, favorecendo condições para que o aluno aprenda a fazer uso das práticas sociais de leitura e de escrita.

Dentre as diversas mídias digitais que podem contribuir com o desenvolvimento do letramento digital, escolhi o *blog* por este possibilitar ao aluno um trabalho coletivo, permitindo a construção de novos saberes. Este suporte digital possibilita a construção da autonomia do aluno e o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, de reflexão, de interação e de debate.

A presente pesquisa perpassa pela contextualização da alfabetização e do letramento digitais, conceituação e caracterização do *blog*, enquanto ambiente educacional de aprendizagem, chegando à construção e utilização do *blog* “A Leitura Liberta”, nas aulas de Língua Portuguesa.

Quanto à estruturação, na introdução, apresento a organização metodológica através da qual faço um detalhamento de como foi realizada esta pesquisa, expondo

todas as suas características quanto à abordagem, à natureza, aos objetivos, ao tipo de estudo, aos procedimentos técnicos, ao universo e à amostra.

No capítulo 1, realizo uma reflexão sobre a alfabetização e o letramento dentro e fora do ambiente virtual buscando, além de caracterizar, relacionar essas aprendizagens ao ensino. Diferencio um indivíduo letrado de um apenas alfabetizado, discutindo mais adiante sobre a necessidade da alfabetização digital para que o aluno seja inserido no universo virtual. Autoras como Magda Soares e Angela Kleiman estão dando base a essa reflexão. Em seguida, aponto as habilidades necessárias para a navegação no ciberespaço, assim como algumas estratégias para a promoção da autonomia dos indivíduos envolvidos no processo de letramento digital, sugeridas por Marcelo Buzato (2004).

No capítulo 2, trago algumas considerações sobre a blogosfera e o seu crescimento no Brasil e no mundo. Em seguida, apresento os conceitos de *blog*, de acordo com a visão de alguns autores, focando no método desenvolvido por Primo (2008) para a tipificação dessa ferramenta. Esse autor aponta dezesseis gêneros que são descritos, um a um, a fim de ampliar o conceito de *blog*, limitado, antes, a diário íntimo virtual, na visão de alguns autores. Mais adiante, contextualizo esse suporte digital, do seu surgimento em 1997, aos dias atuais. Delineio suas possibilidades pedagógicas tratando, especificamente, dos *blogs* educacionais e, por último, caracterizo o sujeito desta pesquisa, que é o nativo digital, tratando da leitura e da escrita para esse público, que tende a ser mais imediatista e menos concentrado, devido à grande exposição às diversas tecnologias. Por fim, caracterizo os tipos de leitores e as diferenças entre os nativos e os imigrantes digitais, a fim de fazer uma reflexão sobre como a escola está lidando com todas as transformações na forma de ensinar e de aprender, nos dias atuais. Neste capítulo, utilizo além de Primo (2008), autores como Marcuschi (2005) e Denise Schittine (2004), entre outros.

No capítulo 3, faço um detalhamento de quando, como e o porquê da criação do *blog* “A Leitura Liberta”, suporte e ambiente digital utilizado no desenvolvimento desta pesquisa. As ferramentas que foram a ele incorporadas para ampliar seu poder de interatividade e comunicabilidade também são descritas com detalhes, neste capítulo. São apresentados os projetos educativos que foram criados exclusivamente para serem trabalhados no *blog*, visando ao letramento digital, de forma

sistemática, organizada, com começo, meio e fim. Todo o relato deste capítulo refere-se a uma fase inicial, ainda experimental de uso do *blog*.

Ainda no capítulo 3, no item 3.3, descrevo todas as ações realizadas por mim e pelos alunos e seus respectivos resultados no que se refere ao desenvolvimento do letramento digital, tendo o *blog* “A Leitura Liberta” como ambiente de ensino-aprendizagem. Neste item, os trabalhos relatados apresentam-se mais amadurecidos, com resultados mais concretos por parte dos alunos. Apresento uma compilação de todas as tecnologias digitais às quais os alunos tiveram acesso e fizeram uso para desenvolver os projetos. Comparo a escrita digital do aluno no início dos trabalhos e na atualidade, quando este já adquiriu as habilidades necessárias para o letramento digital. Em seguida, no item 3.4, detalho as dificuldades apresentadas pelos alunos, assim como as soluções para cada problema apontado. Neste capítulo, trago as reflexões de autores como: Luis Antúnez (2007), Denise Schittine (2004), Prensky (2001), Cecchetti (2011), Santaella (2004), entre outros.

Por fim, concluo a pesquisa descrevendo os resultados alcançados com sua aplicação e afirmando que, de fato, o *blog* pode ser usado nas aulas de Língua Portuguesa para a promoção do letramento digital. Exponho cada resultado obtido com o seu uso ao longo da pesquisa e enfatizo o melhoramento da escrita digital do aluno, o contato com gêneros textuais diversificados, a autonomia no ciberespaço e o desenvolvimento do senso crítico diante do uso das ferramentas digitais.

O *blog*, enquanto ferramenta pedagógica, aproxima o aluno da escola, que precisa reconhecer a mudança na forma de agir e de pensar dos nativos digitais. A educação não se limita mais aos muros escolares, o jovem que aprende é o mesmo que ensina e esse é o movimento propulsor da educação atual. A escola precisa estar aberta aos benefícios das mídias digitais e fazer uso delas em prol de uma educação mais dinâmica, interativa e, em consequência, mais aproximada das expectativas dos jovens de hoje.

Esta pesquisa promove, além de tudo, uma reflexão para aqueles que têm interesse por tecnologias aplicadas ao ensino. Não é necessário fazer uso de tecnologias complexas, que exijam conhecimento de programação para se alcançar grandes resultados. O mais importante é saber explorar ao máximo os recursos de cada

ferramenta e planejar as ações, tendo sensibilidade para mudar de estratégia sempre que for necessário.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Problemática

A sociedade contemporânea vem passando por um importante processo de mudança na comunicação devido aos diversos e mutantes meios tecnológicos que são inseridos constantemente nos inúmeros setores sociais: bancos, escolas, comércio etc. As tecnologias contemporâneas estão em todo lugar, dentro e fora de nossas casas. Elas armazenam, recuperam, compartilham e divulgam informações, agilizando as ações das pessoas diariamente, fazendo com que o processo de comunicação flua mais rapidamente.

Para Coscarelli (2006, p.13), “a memória humana, com suas redes de associações e representações, está longe da precisão do armazenamento e da recuperação de informações que caracterizam os computadores”. Dessa forma, surge a necessidade de indivíduos que saibam fazer uso de todo esse aparato tecnológico que são usados para agilizar a comunicação, armazenar dados, estudar e trabalhar a distância, fazer compras, enfim, indivíduos que, além de alfabetizados, sejam capazes de atuar também no meio digital.

Tudo isso tem gerado uma preocupação com a formação de cidadãos letrados, tornando esse tema fonte de crescente interesse de muitos estudiosos da área educacional, a fim de contribuir com a inserção da escola nessa nova forma de produzir conhecimento e contribuir com o desenvolvimento social dos indivíduos da (na) era tecnológica.

Um dos grandes desafios que a escola tem que enfrentar corresponde a uma série de preconceitos por parte dos educadores. Preconceitos esses gerados pelo medo da mudança que se faz urgente: posso ser substituído pelo computador; meu aluno entende mais sobre as mídias digitais do que eu, portanto não tenho o que ensinar para ele sobre esse tema; vou ter mais trabalho se aprender a usar as mídias digitais, etc.

Enfim, são muitos os obstáculos colocados para adiar o momento de mudar as velhas práticas de ensino/aprendizagem, baseadas, na maioria dos casos, na transmissão unilateral de informações. Morin (2008, p. 61) faz uma reflexão sobre grandes e inesperadas transformações pelas quais passaram a humanidade:

Todos os grandes acontecimentos do século, a deflagração da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Soviética no império czarista, as vitórias do comunismo e do nazismo, o golpe teatral do pacto germânico-soviético, de 1939, a derrota da França, as resistências de Moscou e Stalingrado foram inesperados; até o inesperado de 1989: a queda do muro de Berlim, o colapso do império soviético, a guerra da Iugoslávia. Hoje estamos em escuridão e bruma, e ninguém pode predizer o amanhã.

A humanidade tem um histórico de revoluções que sempre acompanham o medo. O medo do novo é, de certa forma, uma defesa do ser humano, que não sabe reagir no mesmo ritmo da mudança. Daí vem a resistência da escola em adaptar-se a esse novo momento da Terceira Revolução Industrial, com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação.

Um grande problema para se permanecer com os velhos métodos de ensino é que os alunos que chegam à escola, atualmente, estão inseridos nessa sociedade tecnológica, vivenciam práticas de leitura e de escrita no ciberespaço, através de seus celulares, jogos digitais acessados nos computadores pessoais ou em *Lan Houses*.

O mundo desses jovens é multicolorido e polifônico. Eles chegam à escola trazendo, em suas mochilas, muitas informações ouvidas no rádio, assistidas na televisão, vistas e lidas na internet, nas redes sociais digitais. Conhecem e manipulam, com agilidade e desenvoltura, ferramentas tecnológicas como videogames, calculadoras digitais, celulares e muitos outros aparelhos disponíveis para serem usados por qualquer pessoa. Eles podem ler, escrever, estudar, pesquisar, acessar seus perfis em redes sociais, bater papo com amigos, ouvir músicas e isso tudo ao mesmo tempo. Segundo Moran (1993, p. 21), as tecnologias digitais “tocam primeiro o sentimento, depois a razão”.

Talvez seja essa adaptação dos jovens ao dinamismo oriundo das mídias digitais que assusta o professor ainda não adaptado e que, muitas vezes, nunca utilizou-se de um computador para qualquer uma dessas atividades mencionadas, tão

corriqueiras para o aluno. Sobre a necessidade de se reformar o pensamento, de aceitar novos conceitos, novos paradigmas, Morin (2008, p. 99) diz:

Há resistências inacreditáveis a essa reforma, a um tempo, una e dupla. A imensa máquina da educação é rígida, inflexível, fechada, burocratizada. Muitos professores estão instalados em seus hábitos e autonomias disciplinares. Estes, como dizia Curien, são como os lobos que urinam para marcar seu território e mordem os que nele penetram. Há uma resistência obtusa, inclusive entre os espíritos refinados. Para eles, o desafio é invisível.

Diante do exposto, pode-se fazer o seguinte questionamento: teriam razão de existir alguns dos medos dos professores quanto a essas mudanças geradas pelas tecnologias contemporâneas? Apesar do ambiente virtual ser familiar para muitos alunos, o uso que eles fazem desse ambiente fica muito limitado ao lazer e à distração. É preciso que o aluno tenha um orientador de atividades que desenvolvam seu senso crítico, seu raciocínio lógico, suas habilidades de selecionar, produzir, compartilhar, armazenar e criar conhecimentos e informações relevantes para seu desenvolvimento intelectual. Para Bettega (2004, p.13):, o professor continua sendo essencial nesse processo de inserção das tecnologias no ensino:

Os computadores podem até substituir, em certa medida, o trabalho humano, como já acontece em grandes indústrias, mas nunca o intelecto. Cabe ao professor permanecer como agente de formação indispensável à experiência educativa do aluno e não ser apenas um transmissor de informações e de habilidades necessárias a essas aquisições.

A figura do professor é muito importante nesse processo e, portanto, o medo de ser trocado, substituído pelo computador não faz sentido, pois sem essas orientações, o aluno fará uma subutilização do espaço digital no que se refere ao desenvolvimento de suas capacidades cognitivas. Os professores precisam acompanhar as mudanças tecnológicas e aprender a usar as ferramentas disponíveis a seu favor, tornando o resultado de suas aulas mais efetivo, pois, certamente, os alunos se sentirão mais motivados a aprender. Sobre os benefícios dessas ferramentas, Bettega (2004, p. 15) afirma que:

Os instrumentos tecnológicos de comunicação se desenvolvem e se diversificam sem parar. Eles se impõem a todos na vida diária e não podem ser ignorados nem considerados com desprezo. Podemos ensinar e aprender sem eles, porém sua apropriação é importante tanto ao estudante como aos professores, mais a estes, pois os computadores com seus aplicativos podem ser “próteses” maravilhosas para o cérebro humano em suas funções tanto de aprendizagem como de produção.

As ferramentas tecnológicas devem ser utilizadas de modo a possibilitar não só a assimilação de algo pronto e acabado, mas também a construção, comunicação e reprodução de conhecimento. O professor deve estar preparado para mostrar para o aluno a possibilidade de este ser autor do próprio conhecimento, reproduzindo-os e divulgando-os para que outros tenham acesso a essas produções.

A sociedade necessita de um indivíduo preparado, atualizado, dinâmico, autêntico, capaz de avaliar criticamente uma informação disponibilizada eletronicamente e digitalmente, localizando e filtrando aquilo que é de fato relevante; capaz de adaptar-se às mudanças geradas pela disseminação de novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita propiciadas pelas mídias digitais e, principalmente, pela presença da internet.

Nesse contexto, a escola se encontra diante do desafio de desenvolver um trabalho voltado para o letramento digital, favorecendo condições para que o aluno aprenda a fazer uso das práticas sociais de leitura e de escrita.

De acordo com Lira e Maciel (2008), o letramento digital envolve a habilidade no manuseio das novas ferramentas eletrônicas, como o computador, o caixa eletrônico, os telefones celulares, entre outros. Logo, o desenvolvimento dessas habilidades requer escolas informatizadas e professores capacitados aos usos das mídias digitais, tornando-se importante o desenvolvimento de estudos que busquem alternativas para novas práticas pedagógicas.

Dentre as diversas mídias digitais que podem contribuir com a mediação do trabalho voltado para o desenvolvimento da leitura e da escrita de forma significativa, focaremos, neste estudo, o uso do *blog*. Nas palavras de Boeira (2009), o *blog* é um ambiente que possibilita debates, estimula a comunicação, a democratização das ideias, informações e conhecimentos, com liberdade de expressão.

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo geral sugerir como utilizar o *blog* nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, enquanto

recurso e estratégia pedagógica no desenvolvimento do letramento digital. Os objetivos específicos são: Propor o uso do *blog* educacional nas aulas de Língua Portuguesa; Relatar as experiências de uso do *blog* educacional, “A Leitura Liberta”, na mediação do processo de ensino-aprendizagem; Compreender como as ideias pedagógicas de aprendizagem são pensadas e incorporadas na construção e uso dos *blogs*.

A necessidade de discussão dessa temática se expressa no dilema que paira sobre o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, na era das tecnologias digitais contemporâneas.

Tipo da Pesquisa

Quanto à abordagem, faço uma pesquisa qualitativa, pois não intenciono empregar procedimentos estatísticos pelo fato destes não alcançarem a complexidade do contexto que pesquisei; contexto esse que envolve a aprendizagem de alunos através de um suporte virtual. A pesquisa qualitativa observa o fato no meio natural, por isso é também denominada pesquisa “naturalística” (ANDRÉ, 1995, p. 17).

Através dessa abordagem, descrevo a relação dos alunos com a leitura e a escrita no *blog* “A Leitura Liberta”, compreendendo o desenvolvimento do letramento digital desses alunos, verificando suas peculiaridades na intenção de aprofundar os conhecimentos sobre esse processo no ambiente prático da sala de aula. Sobre esse tipo de abordagem, Deslauriers (1991, p. 58 apud SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 32) afirma que:

Na pesquisa qualitativa, o cientista, é ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.

Quanto à natureza, esta pesquisa se classifica como aplicada, pois visa à produção de conhecimentos que venham a contribuir para a solução de problemas semelhantes aos que aqui foram abordados e verificados na prática.

Em busca de uma melhor compreensão da realidade, quanto aos objetivos, desenvolvo um estudo exploratório. De acordo com Gil (2002), embora o planejamento da pesquisa exploratória seja flexível, geralmente assume a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso. Assim, considerando o objetivo do estudo, tenho a intenção de criar maior familiaridade acerca do tema proposto, investigando o estágio em que se encontram as informações já disponíveis a respeito do uso do *blog* em sala de aula. Identifico as características desse uso, enfatizando as suas contribuições para o letramento digital de alunos do Ensino Fundamental (EF).

Através de um estudo crítico-reflexivo, foco nos conceitos de interação, colaboração e cooperação, através dos quais verifiquei que o *blog* é um ambiente que possibilita debates, estimula a comunicação, a democratização das ideias, dissemina informações e proporciona apreensão de conhecimentos com liberdade de expressão. Procuro com essa pesquisa, contribuir para o desenvolvimento de estratégias e práticas pedagógicas motivadoras que considerem a aplicação do *blog* educacional à vida escolar.

No que se refere aos procedimentos técnicos utilizados, esta pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, pois são feitas pesquisas em livros, artigos científicos, periódicos, dissertações e teses, nos meios impressos e virtuais, a fim de dialogar com as ideias já existentes acerca da temática leitura e escrita em tela.

Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica oferece vantagens quando se quer dados muito dispersos pelo espaço. Através desse tipo de procedimento, é possível conseguir informações sobre os fatos passados e de uma infinidade de fenômenos muito mais amplos do que se poderia pesquisar diariamente. No entanto, é importante conhecer bem a autenticidade das fontes que se quer utilizar na pesquisa, para que não se coloque em risco sua qualidade.

O processo etnográfico nos permitiu mais flexibilidade de ação, já que o universo da pesquisa é a sala de aula e os sujeitos são alunos que foram observados em plena interação com o *blog* como suporte virtual. Esse procedimento tornou possível a visualização de todo o contexto da sala de aula, com sua multiplicidade de sentidos, as subjetividades da interação professor-aluno e as contribuições dessa interação para o desenvolvimento da leitura e da escrita no *blog*. Tudo foi realizado através da observação participante, pois, ao mesmo tempo em que eu observava, pude analisar,

descrever e também participar das ações. Sobre os objetivos da pesquisa etnográfica, André (1995, p. 17) afirma que:

A etnografia tem como premissas a observação das ações humanas e sua interpretação, a partir do ponto de vista das pessoas que praticam as ações. Trata-se de gerar dados aproximando-se da perspectiva que os participantes têm dos fatos, mesmo que não possam articulá-la. Para conseguir captar esse sentido, as ações do próprio pesquisador precisam ser analisadas da mesma forma como as ações das pessoas observadas. Assim sendo, todo processo é interpretativo.

Registrei as atividades realizadas pelos alunos no laboratório de informática da escola, através de registros de campo, fotografias e gravações. Busco, com isso, compreender o fenômeno do letramento digital de alunos do ensino fundamental, através do *blog*, sem almejar comprovar teorias, oferecer dados acabados ou fazer generalizações.

Universo e amostra

Utilizo o *blog* educacional intitulado “**A Leitura Liberta**”, de minha autoria, para o desenvolvimento da leitura e da escrita de alunos do Ensino Fundamental II, da EMEF Leônidas Santiago, localizada no Bairro do Rangel, em João Pessoa. As turmas selecionadas foram de sétimos e oitavos anos. O universo, objeto de estudo, contou com a participação de 118 alunos.

Para o desenvolvimento do estudo em tela, abordei os temas transversais, propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, criando o projeto de prevenção do uso de drogas, intitulado “Não às drogas, sim à vida”, o de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, intitulado “Viver bem é viver com saúde” e o de prevenção do Bullying, intitulado “Bullying: a conscientização é o melhor remédio”. Esses projetos proporcionam, através de um tema (Drogas/DST/Bullying), o desenvolvimento e aprendizagem de diversos gêneros textuais, pois suas etapas são pensadas para colocar o aluno diante de situações práticas que, ao serem vivenciadas, proporcionam a transformação das informações em conhecimentos no contexto escolar e para a vida social. As etapas dos projetos foram desenvolvidas através de sequências didáticas, a

fim de proporcionar um trabalho mais eficaz, organizado e de fácil compreensão para o aluno.

O *blog* “A Leitura Liberta” foi utilizado ora como recurso, ora como estratégia pedagógica, pois nele tanto foram publicados os projetos que foram trabalhados e suas respectivas sequências didáticas, como também foi utilizado para mediar o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa (LP), na execução de cada etapa, colaborando com a construção do conhecimento através dos comentários compartilhados. Promovi a utilização desse suporte digital para que o aluno pudesse ler, pesquisar, comentar, compartilhar informações e produções textuais nos diversos gêneros que circulam no universo social.

A abordagem qualitativa da problemática que norteia este trabalho é feita através do meu envolvimento cooperativo e interativo, enquanto pesquisadora, com meu objeto de estudo, que é o aluno. Sendo assim, faço uma descrição dos processos de aprendizagem do letramento digital desse aluno, verificando sua interação com a escrita e a leitura no meio digital, evidenciando quais as facilidades e onde estão os obstáculos para uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

1.1.- Alfabetização: apenas a aquisição de um código linguístico?

Alfabetização, no sentido literal da palavra, consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. De um modo mais abrangente, a alfabetização é definida como um processo pelo qual o indivíduo constrói a habilidade da leitura e da escrita de uma determinada língua, em sua gramática e em suas variações. Esse processo não se resume apenas à aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas à capacidade de interpretar, compreender, criticar, resignificar e produzir conhecimento. Esse processo também envolve o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem, de maneira geral, promovendo a socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais. A alfabetização é um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

Magda Soares (2005, p. 15), em sua definição de alfabetização, afirma ser esta um “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Esse conceito é apenas uma definição parcial do que seja a alfabetização, visto que não se escreve como se fala e não se fala como se escreve; dessa forma, a língua escrita não é uma representação total da língua oral. Além disso, os problemas decorrentes da compreensão/expressão da língua escrita são diferentes dos decorrentes da língua oral, isso porque na língua oral a expressão vem acompanhada da linguagem não verbal, o que, na língua escrita, não ocorre. Para Soares (2005, p. 17), “Na língua escrita, é preciso explicitar muitos significados que, na língua oral, são expressos por meios não verbais”. A autora defende um conceito mais abrangente para incluir fatores como: a “abordagem mecânica” do ler/escrever; o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/compreensão e os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 22), “a alfabetização é muito mais que a aquisição da escrita alfabética, pois isso não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita”. Para o

processo de alfabetização deixar de ser tão mecânico e tornar-se significativo para a criança, é preciso que a escola coloque a criança como o centro do processo, interagindo com o seu contexto, suas histórias e sua cultura local, sem deixar de lado o ensino direto, explícito e sistemático da transferência da cadeia sonora da fala para a forma gráfica da escrita. Não privilegiar apenas um método de ensino, mas passear por entre as várias possibilidades de trabalho com a escrita, pode ser capaz de tornar a aprendizagem da escrita mais significativa para a criança, ou seja, trabalhar a aquisição da escrita com o seu uso efetivo: alfabetizar letrando.

1.2. Letramento: conhecer para praticar

O letramento, processo de ensino da leitura e da escrita que foca nas práticas sociais das diversas formas de interação e comunicação humana, ainda está tendo seu conceito construído, ao passo que o leque de estudos nessa área se amplia.

A palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*, que significa “a condição de ser letrado”. Letrado é a pessoa que, além de ter o conhecimento da leitura e da escrita, faz uso desse conhecimento nas práticas sociais de comunicação. A ideia de que a criança só é iniciada no mundo da leitura ao ser alfabetizada está ultrapassada pela concepção de letramento.

Segundo Kleiman (1995, p. 19), letramento pode ser definido como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema símbolo e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Nas palavras de Soares (2002, p. 145), letramento deve ser entendido como “o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação”.

O letramento existe não só na escola, que é a principal agência de letramento na sociedade, mas também na família, na igreja, nos espaços públicos, no trabalho, e em todos os lugares onde as pessoas possam interagir umas com as outras, em diversas situações comunicativas. Segundo Angela Kleiman (1995), as pessoas não alfabetizadas podem ter um bom nível de letramento desde que sejam expostas a

práticas sociais diversificadas. A autora também expõe que a aquisição da escrita é importante para desenvolver o pensamento lógico, complexo, do indivíduo, para que este possa resolver problemas de maior capacidade intelectual. Não conhecendo o código da escrita, o indivíduo pode ter uma dificuldade maior que a do indivíduo alfabetizado diante dos mesmos problemas e ainda ter maior dificuldade de exprimir o que pensa, ficando mais no nível da intuição.

Existe uma diferença entre ser alfabetizado e ser letrado. Ser alfabetizado significa saber ler e escrever, ou seja, a pessoa adquiriu a leitura e a escrita. Ser letrado¹ significa viver uma condição ou estado de quem sabe ler e escrever. Quando o indivíduo aprende a ler e a escrever e, a partir daí, passa a fazer uso da leitura e da escrita, envolvendo-se, assim, nas práticas sociais de uso da língua, torna-se diferente da pessoa que é analfabeta ou é apenas alfabetizada. A pessoa letrada passa a ser diferente da apenas alfabetizada, na medida em que adquire uma outra condição social e cultural, mudando seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura, sua relação com tudo a sua volta. Tudo passa a ser diferente.

Portanto, letramento é o processo de aprendizado da língua escrita, a partir da convivência dos indivíduos (crianças, adultos), com materiais escritos disponíveis – livros, revistas, cartazes, rótulos de embalagens e outros - e com as práticas de leitura e de escrita da sociedade em que se inscrevem. É, assim, fruto do grau de familiaridade e convívio do indivíduo com os textos escritos em seu meio.

O letramento leva em conta toda a experiência com leitura que a criança tem, antes mesmo de ser capaz de ler os signos escritos. Angela Kleiman (2004, p. 19) o define como sendo “práticas sociais que fazem uso da escrita em contextos específicos, para atingir objetivos específicos”.

O nível de letramento é determinante de uma boa alfabetização, sem grandes entraves e conflitos, portanto a criança precisa, antes de qualquer método eficaz de alfabetização, de uma bagagem rica em variedade de discursos nos mais variados gêneros. A criança que vive em um ambiente em que se leem livros, jornais revistas, bulas de remédio, receitas culinárias e outros tipos de literatura (ou em que se converse sobre o que se leu, em que uns leem para os outros em voz alta, leem para a criança

¹ Letrado em inglês significa ser educado; especificamente, que tem a habilidade de ler e escrever.

enriquecendo com gestos e ilustrações), o nível de letramento será superior ao de uma criança cujos pais não são alfabetizados, nem outras pessoas de seu convívio cotidiano lhe favoreçam este contato com o mundo letrado. Sobre isso, Angela Kleiman (2004, p. 18) afirma que:

... em certas classes sociais, as crianças são letradas, no sentido de possuírem estratégias orais letrados, antes mesmo de serem alfabetizados. Uma criança que compreende quando o adulto lhe diz: “Olha o que a fada madrinha trouxe hoje!” está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas: assim, ela está participando de um evento de letramento (porque já participou de outros, como o de ouvir uma estorinha antes de dormir); também está aprendendo uma prática discursiva letrada, e, portanto, essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever. Sua oralidade começa a ter as características da oralidade letrada, uma vez que é junto à mãe, nas atividades do cotidiano, que essas práticas orais são adquiridas.

Magda Soares (2005, p. 31) define letramento sob a dimensão individual e a social. Na dimensão individual, o letramento envolve dois processos distintos que são o da leitura e o da escrita. Na dimensão individual da leitura, o indivíduo adquire habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos que vão da capacidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Na dimensão individual da escrita, o indivíduo adquire as habilidades que vão da transcrição dos sons até a capacidade de comunicar-se com desenvoltura.

Dessa forma, definir letramento torna-se uma tarefa complexa. Magda Soares (2005, p. 32) o define como sendo “uma variável contínua, não uma variável discreta, dicotômica”. Sob a dimensão social, o letramento é definido sob dois pontos de vista diferentes e conflitantes; o liberal e o radical. Ao diferenciá-los, a autora afirma que na dimensão social liberal, o indivíduo adquire um conjunto de habilidades necessárias para fazer uso da leitura e da escrita de acordo com as práticas sociais requeridas. Na dimensão social radical, essas habilidades são vistas como responsáveis pelo reforço de questionamentos de valores, tradições e padrões de poder presentes no contexto social do indivíduo.

É importante que o professor conheça os limites entre alfabetização e letramento para que possa praticar esses conceitos na sala de aula e assim poder

melhorar a aprendizagem do aluno, partindo da ideia exposta por Magda Soares e Angela Kleiman de que não precisa ser alfabetizado para ser letrado. Dessa forma, o professor poderá ultrapassar muitas barreiras que surgem no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita na sala de aula e com isso proporcionar uma oportunidade mais diversificada de contato do aluno com as práticas sociais de leitura e de escrita.

1.3 Alfabetização, letramento e ensino

A escola precisa não apenas ensinar a técnica da escrita, mas, sobretudo, ensinar a usar essa técnica. Aprender a técnica da escrita e aprender a usá-la, nas práticas sociais que a exigem, faz parte de dois processos simultâneos e interdependentes, pois a melhor forma de se aprender uma técnica é praticando-a. Porém, apesar de serem indissociáveis, os processos de alfabetização e letramento são diferentes. Alfabetização e letramento têm de ser ensinados ao mesmo tempo, gerando, com isso, um indivíduo alfabetizado e letrado.

Como já foi dito, ser alfabetizado é diferente de ser letrado. Uma pessoa pode ser analfabeta, mas cultivar hábitos da escrita, quando dita uma carta para um indivíduo alfabetizado escrever, quando pede que leiam uma carta, uma notícia de jornal, uma placa de rua, uma receita de bolo, uma bula de remédio – não sabe ler, mas conhece as funções da escrita e faz uso delas através do indivíduo alfabetizado.

Da mesma forma, uma criança pode não ser ainda alfabetizada, mas viver em um ambiente que lhe proporcione práticas de leitura, onde existam pessoas que usam a leitura e a escrita constantemente. Essa criança ainda não é alfabetizada, mas já tem um certo nível de letramento.

Ocorre o contrário também, quando uma pessoa é alfabetizada, mas não é letrada, ou seja, aprendeu a técnica de codificar e decodificar sons e letras, porém, não pratica essa técnica, usando-a em situações práticas de leitura diária.

Na sociedade de hoje, não basta apenas ensinar a ler e a escrever; é preciso levar os indivíduos a usarem esse aprendizado em situações práticas do dia a dia. Sendo

assim, a escola tem uma dupla função, devendo trabalhar ao mesmo tempo com alfabetização e letramento de forma integrada.

Mas, quais são as condições necessárias ao desenvolvimento do letramento? Primeiro, é preciso que haja um ambiente que proporcione o contato da criança com situações de leitura e de escrita. O seu nível de letramento dependerá de suas condições sociais, culturais e econômicas. Para que esse nível seja melhor, é necessário oferecer condições, como escolarização e acesso a materiais de leitura. Esse acesso deve ser facilitado equipando-se as bibliotecas públicas na escola e na comunidade, transformando os livros em algo comum e acessível, despertando nas crianças o desejo e a curiosidade de ler, imergindo-as em um ambiente de letramento.

Quando a criança vem de um ambiente onde ocorre, comumente, práticas de leitura diária antes mesmo de ela ser alfabetizada, essa criança verá na escola uma oportunidade de continuação do seu desenvolvimento linguístico. O contrário ocorre com crianças de classe média baixa, cuja família tem pouca escolarização. A escola representa, para essas crianças, uma ruptura nas formas de fazer sentido, a partir da escrita.

Sobre a importância e a diferença que faz para a criança viver a prática do letramento a partir da própria família, Angela Kleiman (2004, p. 41) afirma que:

Os livros e a informação proveniente dos livros (personagens dos clássicos infantis, por exemplo) ocupam um lugar central no quarto da criança, e já aos seis meses ela presta atenção a esses elementos decorativos. Nessa idade começa a reconhecer perguntas sobre os livros, e tão logo a criança começa a verbalizar, o adulto a expande e reelabora, abandonando o simples pedido de rótulos (“o que é?”) para incluir perguntas sobre os atributos (“o que o gato disse?”, “de que cor era o gato”). (...) Há uma atitude generalizada de tratar do livro como se fosse uma diversão.

Essa criança, ao chegar à escola, terá menos dificuldade em ser alfabetizada do que uma criança não letrada.

Como a escola poderia ajudar seus alunos a se tornarem letrados, facilitando, assim, o processo de alfabetização? Alfabetizar através da prática foi a solução encontrada pela professora Kátia Correia do Maranhão, que usou placas, receitas e cardápios dos restaurantes, para alfabetizar sua turma da 1ª série. Dessa

forma, os alunos familiarizaram-se com a leitura e a escrita, pois perceberam que isso fazia parte do seu cotidiano.

Quando passou a aproveitar os escritos disponíveis na comunidade, Kátia percebeu que os resultados de seu trabalho melhoraram. “Antes eu não tinha experiência em alfabetização. Me apoiava no uso da cartilha e o número de repetentes só crescia”, lembra.(...) Além dos letreiros e cardápios, as toadas de bumba meu boi, muito conhecida pelo povo maranhense, também começaram a embalar as aulas de Kátia. E a escrita, que até então não tinha nenhum significado para a garotada, começou a fazer todo o sentido. (NOVA ESCOLA, 2004, p. 47-48)

A meta da professora Kátia era alfabetizar seus alunos de 1ª série e assim diminuir os índices de fracasso escolar. Ela selecionou diversos tipos de textos que fizeram parte do cotidiano dos alunos: parlendas, adivinhações, trava-línguas, frases de para-choques de caminhões, toadas de bumba meu boi, quadrinhas, e receitas típicas do litoral maranhense. À medida que ensinava, Kátia mostrava a importância de ler e escrever na sociedade da qual seus alunos fazem parte. Segundo Cavalcante (2006, p. 26), para construir um ambiente alfabetizador:

...a sala deve ter livros, cartazes com listas, nomes e textos elaborados pelos alunos (ditados ao professor) nas paredes e recortes de jornais e revistas do interesse da garotada ao alcance de todos. (...). Outra medida para democratizar esses conhecimentos em sala de aula é ler diariamente para a turma.

Além de tudo isso, é preciso que o professor acredite no potencial do aluno e que interajam e compartilhem conhecimentos, facilitando, dessa forma, a descoberta para o melhor caminho a seguir, respeitando as diversidades, sem vê-las como mais um obstáculo.

Alfabetizar letrando é o melhor caminho e para que isso ocorra é preciso, antes de tudo, que o professor também seja um leitor-modelo, principalmente para aqueles alunos provenientes das camadas mais desfavorecidas da sociedade, cujos pais são, muitas vezes, analfabetos, que não vivem em um ambiente letrado. Esses alunos precisam seguir um modelo de leitor e é aí que entra a importância do professor-leitor na sua aprendizagem.

1.4 Alfabetização e Letramento digitais: delineamentos e habilidades para navegação no ciberespaço

Expandindo para o ambiente virtual, a alfabetização e o letramento digital precisam também ocorrer de forma integrada, tendo o professor como sujeito fundamental nesse processo, possibilitando o desenvolvimento de diversas habilidades fundamentais para a navegação de forma autônoma, segura e eficaz.

De acordo com Machado (2012, *on-line*), é cada vez maior o esforço para se incorporar as tecnologias digitais na educação, a fim de obter melhor qualidade no ensino. Para isso, é necessário, além de oferecer os recursos e o acesso a essas ferramentas, que se pense na alfabetização digital desses jovens. Mas, o que vem a ser alfabetização digital? Machado (2012, *on-line*) traz o seguinte conceito:

Por alfabetização digital entenda-se, de passagem, nos referirmos ao preparo e capacidade de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação de forma plena, ou seja, valendo-se de suas possibilidades múltiplas, em suas diferenciadas plataformas, compondo a partir das ferramentas encontradas para melhorar o desempenho, a ação e a condição de trabalho e realização.

Sendo assim, entender como funcionam planilhas, processadores de textos, apresentações em slides, comunicadores virtuais, redes sociais, ferramentas de edição de vídeos e músicas, e muitos outros recursos disponíveis no universo digital, são necessidades para se tornar um ser alfabetizado digital e, posteriormente, ser um letrado digital.

A alfabetização digital precisa ocorrer ao mesmo tempo que o letramento digital, pois, só assim, será possível ao aluno ir além do contato intuitivo com as ferramentas tecnológicas, usando-as para expressar-se por meio da escrita e da leitura de forma crítica, colaborativa e interativa. O processo de alfabetização digital pode iniciar-se de forma individual, quando o indivíduo apreende as funções das ferramentas tecnológicas através do próprio uso ou de forma coletiva, através da escola.

Para Emília Ferreira (2013, p. 467), quanto às dificuldades da passagem do texto oral para o texto escrito, houve muitas contribuições trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação, tais quais: permitir a alfabetização através da diversidade de textos, tornando ultrapassada a ideia de alfabetizar com um único texto; permitir o uso inteligente do corretor ortográfico do computador, tornando desnecessários e ultrapassados os ditados de palavras para treinar a ortografia; permitir ao aluno o acesso a diversas fontes de informação, não ficando limitado aos conhecimentos do professor ou do livro didático.

Na sociedade atual, a alfabetização digital individual é muito frequente e ocorre através do contato intuitivo dos jovens com celulares multimidiáticos, jogos digitais e redes sociais e diversas outras ferramentas. O fascínio desses ambientes virtuais favorece a aprendizagem de forma espontânea. Mas, compete à escola o compromisso de preparar esses jovens para que saibam usar e incorporar as tecnologias, em seu cotidiano escolar e social, de forma verdadeiramente produtiva.

A alfabetização digital pode possibilitar a inclusão digital, pois permite a inserção no universo virtual. Para Machado (2012, *on-line*), deve-se pensar e propor sua aprendizagem como meio de compreender a utilidade e a forma de uso das ferramentas no universo digital. A escola deve, além de ensinar a usar, conscientizar o aluno do quão importante é a aprendizagem dessas habilidades e dos benefícios que ela pode trazer, não só no aspecto individual, como principalmente no social.

A alfabetização digital é um processo importantíssimo para se chegar ao letramento digital. A escola precisa, inicialmente, contribuir com o acesso de toda comunidade escolar às tecnologias digitais contemporâneas, mas esse acesso não pode ficar apenas no plano funcional, pois, segundo Almeida (2003, p. 214)

(...) a participação apenas como uma questão de acesso físico individual à tecnologia é equivocada. O problema da participação traz à tona o complexo problema relacionado à formação discursiva da vontade, que diz respeito, também, a uma política favorável ao desenvolvimento do potencial discursivo.

Para Nóbrega e Maciel (2008, p. 1139), “O letramento digital, motivado pelas escolas, é, para os estudantes, um forte recurso de poder, porquanto a informação

faz uma tremenda diferença numa sociedade de desigualdades, como a do Brasil”. Machado (2012, *on-line*) afirma que os saberes aprendidos na escola são fundamentais para os seres humanos, pois os auxiliam a construir sua própria identidade. O autor atribui à alfabetização digital a mesma importância que tem todas as demais disciplinas escolares.

As tecnologias consistem, neste sentido, no atual estágio da evolução da humanidade, quesito adicional de suma importância que precisa ser integrado ao cotidiano para uso, como de fato já está a acontecer, com a incorporação de tantos recursos em tão pouco tempo, quanto principalmente, no que se refere ao entendimento do que tudo isso significa para cada um e para todos. (MACHADO, 2012, *on-line*)

É importante que alfabetização digital e letramento digital ocorram juntos, pois não basta ter acesso a ferramentas tecnológicas fazendo apenas um uso funcional destas. É preciso que o aluno avance do patamar da funcionalidade do uso para o da interatividade, desdobrando no seu potencial discursivo. Para Almeida (*apud* ARAÚJO, 2005, *on-line*,) ler telas, apertar teclas, utilizar programas computacionais com interfaces gráficas, dar ou obter resposta do computador, equivale à inclusão digital, semelhantemente como ocorre na alfabetização, no sentido de identificação das letras, quando equivale à alfabetização funcional.

Assim como o letramento é a prática social da leitura e da escrita e a alfabetização é a aprendizagem funcional do código escrito, o letramento digital é a fluência no domínio da leitura e da escrita no meio virtual. Sobre essa afirmação, Almeida (2005, p. 174) diz que:

A fluência tecnológica se aproxima do conceito de letramento como prática social, e não como simplesmente aprendizagem de um código ou tecnologia; implica a atribuição de significados às informações provenientes de textos construídos com palavras, gráficos, sons e imagens dispostos em um mesmo plano, bem como localizar, selecionar e avaliar criticamente a informação, dominando as regras que regem a prática social da comunicação e empregando-as na leitura do mundo, na escrita da palavra usada na produção e representação de conhecimentos.

Portanto, a educação atual não deve prescindir de um ensino que proporcione ao aluno o contato com o universo virtual, desde os primeiros contatos com a leitura e a escrita. Para que esse contato seja feito de forma eficiente e eficaz, é preciso que haja um planejamento através do qual o professor saiba exatamente como promover a autonomia do aluno no ciberespaço.

1.4.1 Habilidades para a autonomia no ciberespaço

Um indivíduo letrado digitalmente é aquele que, segundo Soares (2002, p. 151), se apropria das tecnologias digitais contemporâneas e exerce práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do indivíduo letrado que exerce práticas de leitura e de escrita apenas no papel.

Xavier (2007, p. 2) acrescenta que o letramento digital significa “realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização”. Para esse autor, o letrado digital precisa ter habilidades diferentes daquelas necessárias à leitura e à escrita feitas no livro, pois o suporte onde os textos digitais se encontram é a tela, que também é digital.

Para apropriar-se desse tipo de letramento, é necessário que o indivíduo adquira e desenvolva uma série de habilidades e comportamentos específicos para manusear e fazer uso dos novos aparatos tecnológicos, já indispensáveis na sociedade atual. O letrado digital deve adquirir a habilidade de ler e escrever textos hipertextuais, nos quais são dispostos além de palavras, imagens, sons, vídeos e links que levarão o leitor a outros e outros textos. Esse tipo de textos recebe o nome de hipertexto que tem como suporte, não o papel, mas a tela digital.

Algumas estratégias para a promoção da autonomia dos indivíduos envolvidos no processo de letramento digital são sugeridas por Marcelo Buzato (2004, *on-line*), no artigo intitulado “As (Outras) Quatro Habilidades”. Marcelo Buzato sugere quatro eixos de desenvolvimento de habilidades a serem consideradas. O primeiro eixo é o “Da escrita ao design”, no qual o autor propõe que, ao participar do processo de

publicação e editoração de conteúdos através de ferramentas disponíveis para iniciantes, o indivíduo pode ir-se habituando à mecânica de atualização de arquivos online, às questões de privacidade e de propriedade intelectual. Aos poucos, o iniciante vai adquirindo competências e autonomias que lhe permitirão lidar com questões relativas ao design visual, à interação e à navegação, ou seja, vai adquirindo um letramento digital que o torne mais autônomo na produção do próprio conhecimento.

O segundo eixo é o que trata “da leitura à navegação”. Buzato (2004, *on-line*) afirma que a leitura no ambiente hipertextual, para ser eficaz, necessita de que o indivíduo faça uso de estratégias cognitivas e metacognitivas, que lhe permitirão “direcionar, organizar, monitorar e avaliar criticamente a construção do conhecimento” no ciberespaço. Na leitura do hipertexto, o leitor tem a flexibilidade de escolher os caminhos da sua leitura, porém, pode sentir dificuldades para retornar a um ponto da leitura que tenha achado relevante. Isso se dá porque existe um grande número de opções em cada etapa da progressão do hipertexto. É necessário que o leitor-navegador se habitue, através do uso constante, com a “multiplicidade de sentidos criada pela integração de diversas modalidades semióticas numa mesma superfície textual”.

Dessa forma, Buzato (2004, *on-line*) afirma que o leitor-navegador também precisa desenvolver habilidades de produção oral para poder interagir com algumas máquinas que dispõem de softwares de reconhecimento de voz e ainda trabalha com a interface 3D, para se tornar um indivíduo interagente. É preciso, dessa forma, desenvolver habilidades, como saber utilizar os instrumentos tecnológicos que estimulam diferentes domínios cognitivos e saber selecionar e acionar a combinação de modalidades de navegação mais adequada aos propósitos do navegador-leitor.

Sobre o terceiro eixo, “Da escrita à investigação”, Buzato (2004, *on-line*) afirma que, para navegar de forma efetiva e crítica no ambiente polifônico da internet, é necessário dominar algumas técnicas e utilizar estratégias metacognitivas para determinar a autenticidade, confiabilidade e a legalidade de materiais audiovisuais. Essas estratégias metacognitivas podem ser melhor desenvolvidas com a orientação do professor, que terá maior capacidade de julgar a relevância e a confiabilidade do produto selecionado.

No que se refere ao quarto eixo, “Do diálogo à colaboração”, Buzato (2004, *on-line*) defende que, para haver colaboração no processo ensino-aprendizagem no

ambiente virtual, é necessário que professores e aprendizes adquiram habilidades específicas. Primeiro, habilidade de localizar grupos de pessoas dispostas a colaborar; segundo, habilidade para selecionar a tecnologia mais adequada para a comunicação entre os participantes; e, terceiro, habilidade para o uso e a interação, por meio das ferramentas selecionadas. É preciso priorizar os contextos socioculturais dos participantes. Não adianta selecionar ferramentas muito sofisticadas, se os participantes não vão utilizá-las adequadamente, não promovendo, assim, a interação entre eles.

Buzato (2004, *on-line*) faz, por último, uma reflexão sobre o papel do professor nessa era do informacionalismo, que é o de conduzir o processo de ensino-aprendizagem com a preocupação primeira de formar cidadãos interagentes, atuantes socialmente e críticos, não sendo, assim, meros receptores de informação e tecnologias.

2 BLOGS EDUCACIONAIS: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O LETRAMENTO DIGITAL

2.1 A blogosfera

A blogosfera, termo que representa o mundo dos *blogs*, cresceu em ritmo espantoso. Em 1999, seu número era estimado em menos de 50; no final de 2000, a estimativa era de poucos milhares. Menos de três anos depois, os números saltaram para algo em torno de 2,5 a 4 milhões.

Marcos Lemos (2012, *on-line*), professor e blogueiro, publicou em seu *site* “Ferramentas Blogs” uma matéria intitulada “Seu Blog não é nada na Blogosfera”, que traz dados de sua pesquisa sobre a quantidade de *blogs* no Brasil e no mundo, estimando-se que 120.000 são criados diariamente no mundo, totalizando, em 2012, perto de 200 milhões, de acordo com dados da *Technorati*, motor de busca da internet especializado em *blogs*. Muitos desses estão sendo o segundo, terceiro ou até o décimo do mesmo usuário.

Quanto à quantidade, no Brasil, é muito difícil precisar, pois não existem estatísticas oficiais e nem buscadores como o *Technorati* para definir esses números. A soma só pode ser realizada através do sistema de busca do *Google*, mesmo assim os

dados não são exatos porque os *links* se repetem em buscas diferentes. Lemos (2012, *on-line*) constatou, através das plataformas mais usadas, *Blogger (Blogspot.com)*, *WordPress.com* e *Tumblr*, que há aproximadamente 2,5 milhões de *blogs* em Língua Portuguesa.

Tabela – Quantidade de *blogs* em Língua Portuguesa

Detalhes da Pesquisa	
Plataforma:	Quantidade de <i>Blogs</i>
<i>Blogger (BlogSpot.com)</i>	1.060.000 resultados
<i>WordPress.com</i>	884.000 resultados
<i>Tumblr</i>	1.140.000 resultados

Fonte: LEMOS, 2012. <http://www.ferramentasblog.com/2012/04/seu-blog-nao-e-nada-na-blogosfera.html> > Acesso em: 22 out 2013.

Marcuschi (2005, p. 29) afirma que os *blogs* são “diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos”. Para Denise Schittine (2004, p. 13) o *blog* é uma versão virtual do diário íntimo tradicional, com a diferença de que o gênero literário criado nos *blogs* se situa entre a escrita íntima e a pública, entre a ficção e o jornalismo. Apesar das semelhanças no que se refere à extensão do texto e à linguagem informal, nessa mídia digital os textos ganham uma dimensão analítica e crítica, o que não ocorre no diário tradicional.

Primo (2008, *on-line*) afirma que como os *blogs* apresentam diferentes gêneros discursivos em diferentes *posts* e que o processo de blogar vai sofrendo alterações de acordo com a audiência e a interação dos leitores e até do humor dos blogueiros, é preciso buscar um método que reconheça sua heterogeneidade, sem prendê-los em gavetas homogeneizadoras. Foi considerando essa heterogeneidade e rejeitando sua definição como diário íntimo virtual, mencionada anteriormente, que este autor procurou categorizá-los, tipificá-los em gêneros discursivos respeitando suas diferenças, a partir das relações internas e das questões textuais, motivado pelos seguintes questionamentos:

O blog é apenas um diário íntimo online? Posts são sempre confessionais? Blogs organizacionais, voltados apenas para a divulgação de releases, podem de fato ser considerados parte da blogosfera? Como se pode hoje estudar blogs diante de seus múltiplos usos e da complexidade de interações que eles mediam? (PRIMO, 2008. http://www.ufrgs.br/limc/generos_blog.htm. Acesso em 11/09/13).

A partir daí, o autor desenvolveu um estudo através do qual foi realizada uma avaliação estatística de 5.233 *posts*, publicados em agosto de 2007, nos 50 *blogs* mais populares no Brasil. O resultado foi a elaboração de um método para a tipificação de *blogs*. Durante esse procedimento, 16 gêneros foram definidos e discutidos.

		INDIVIDUAL		COLETIVO	
		Profissional	Pessoal	Grupal	Organizacional
DENTRO	Auto Reflexivo	1	5	9	13
	Informativo Interno	2	6	10	14
	Informativo	3	7	11	15
	Reflexivo	4	8	12	16
		INTERAÇÕES FORMALIZADAS		INTERAÇÕES COTIDIANAS	INTERAÇÕES FORMALIZADAS
FORA					
					REFLEXÃO
					RELATO
					REFLEXÃO

Figura 01- Matriz para tipificação de *blog*

Extraído de: Primo, 2008

Observa-se, na tabela, que Primo divide os *blogs* em dois grandes grupos: os Individuais e os Coletivos. Cada grupo é subdividido em duas categorias. Os individuais subdividem-se em “profissionais” e “pessoais” e os Coletivos em “grupais” e “organizacionais”. Todas essas subdivisões são classificadas de acordo com o gênero (autorreflexivo, informativo interno, informativo ou reflexivo) e a interação (formalizada ou cotidiana).

Os *blogs* classificados como Individuais Profissionais são aqueles escritos, com ou sem lucro, por um especialista em determinada área, na qual atua profissionalmente. Sua interação é formalizada. Quanto ao gênero, podem ser:

- 1) **profissional autorreflexivo:** reflexão sobre a própria prática profissional;
- 2) **profissional informativo interno:** descrição e planejamento da própria prática profissional;
- 3) **profissional informativo:** divulgação de textos sobre a área profissional;
- 4) **profissional reflexivo:** opiniões e críticas sobre temas relativos à área profissional.

Os *blogs* Individuais Pessoais são aqueles escritos por uma pessoa que deseja expressar-se e interagir com outras pessoas sobre seus interesses pessoais. Sua interação é feita de forma cotidiana e, quanto ao gênero, podem ser:

- 5- **pessoal autorreflexivo:** manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre sua vida cotidiana. É o mais comum na blogosfera;
- 6- **pessoal informativo interno:** simples relato das atividades do blogueiro que registra do que fez, viu ou leu.
- 7- **pessoal informativo:** registro de informações que despertam interesse do blogueiro.
- 8- **pessoal reflexivo:** opiniões sobre produtos culturais, ações, política, esporte, etc.

Os *blogs* Coletivos Grupais são aqueles produzidos por pelo menos duas pessoas. O foco se volta para troca de informações sobre temas de interesse do grupo. São de interação cotidiana e, quanto ao gênero, podem ser:

- 9- grupal autorreflexivo:** mantido por um grupo que deseja discutir as próprias atividades. No contexto educacional, pode contribuir para a criação de um trabalho grupal.
- 10-grupal informativo interno:** relato das atividades do grupo, funcionando como um boletim interno. Pode ser uma interface para atas digitais de decisões tomadas e para o registro do desempenho do grupo;
- 11-grupal informativo:** divulgação de informações e notícias, de autoria própria ou de outros, sobre interesses compartilhados. Não inclui qualquer reflexão própria sobre esse material.
- 12-grupal reflexivo:** manifesta avaliações críticas do grupo sobre temas de interesse que os aproxima.

Os *blogs* Coletivos Organizacionais são escritos por membros de uma organização visando delimitar e direcionar o trabalho de cada participante. Sua interação é formalizada e, quanto ao gênero, podem ser:

- 13-organizacional autorreflexivo:** refletem sobre as atividades da organização, discutindo a força e riscos de projetos em andamento ou dos serviços e bens que oferecem.
- 14-organizacional informativo interno:** voltado para a publicação de notícias, avisos e registros sobre o funcionamento interno e atividades da organização
- 15-organizacional informativo:** serve para registro de informações sobre o segmento de atuação da organização, sem que ela manifeste seu parecer sobre os fatos.
- 16-organizacional reflexivo:** a organização manifesta suas opiniões sobre os temas de seu interesse.

Nesta pesquisa, deteremo-nos somente aos gêneros 1, 2, 3 e 4 da matriz por serem relativos aos *blogs* profissionais, mais particularmente aos com temática educacional.

2.2 Contextualizando o suporte digital *blog*²

Segundo Boeira (2009, p. 5), o primeiro blog foi criado por Jorn Barger, em 17 de dezembro de 1997. A palavra blog é uma contração da palavra weblog: web (página da internet) e log (diário de bordo).

De acordo com José Luis Antúnez (2007, p. 22), antes da popularização dos *blogs*, havia apenas sistemas de usos e instalações complexas e de custos elevados que só poderiam ser orientados por programadores. As empresas não tinham interesse nas necessidades do internauta comum, ficando o uso desses sistemas complexos direcionados apenas a sites profissionais, jornalísticos e estabelecimentos comerciais *on-line*. Só em 1999 essa situação se modifica quando os próprios usuários, designers, programadores e arquitetos da informação norte-americanos desenvolvem projetos de serviços específicos para *blogs* que é baseado na fórmula de dois em um, ou seja, um Sistema de Gerenciamento de Conteúdo (CMS) e hospedagem gratuita. Um CMS é um sistema que oferece mobilidade de criação para o internauta poder gerar, selecionar e usar os elementos que farão parte de um site desde sua criação, redação, design, arquivos e licenças.

A partir daí, os *blogs* se popularizaram, pois um internauta, de qualquer idade, que soubesse dos usos básicos do computador (ligar, digitar um texto e navegar na internet) poderia criar o seu. Findou-se a dependência de atualizações junto aos servidores, que era uma atividade que só programadores sabiam realizar. Com o CMS, o internauta comum tornou-se capaz de criar e gerenciar seu próprio *blog*, pois os processos passaram a ser automatizados através de painéis de controle *on-line*. Além dessa facilidade, a gratuidade foi indispensável para que a quantidade aumentasse significativamente em poucos meses.

Em 2001, o episódio do 11 de setembro impulsionou a necessidade de divulgação de informações rápidas sobre o acontecimento, fazendo com que o números

² Para contextualizar o *blog*, utilizei os estudos realizados por José Luis Antúnez, publicado do livro *Blogs: revolucionando os Meios de Comunicação*, no capítulo intitulado: O impacto da aparição do sistema de gerenciamento de conteúdo (CMS).

de *blogs* ultrapassasse a casa dos dois milhões. Deu-se início, a partir daí, a uma nova era na internet, a era da comunicação gratuita e universal, ou seja, a liberdade de expressão individual e interativa ao mesmo tempo.

Os três sistemas pioneiros exclusivos para *blogs*, gratuitos, são: *LiveJournal*, *Pitas* e *Blogger*. O *LiveJournal* surgiu como um diário, em 1999, sendo o primeiro serviço exclusivo. Seu criador, um adolescente de 19 anos, chamado *Brad Fitzpatrick*, foi motivado pela necessidade de se comunicar com amigos da cidade natal (*Portland*) e de *Seattle*, cidade onde estudava. Por ser um serviço gratuito e de fácil utilização, rapidamente caiu no gosto dos adolescentes norte-americanos. Suas características eram comuns de um *blog* e foram sendo aprimoradas com o tempo, dispondo depois de novos acessórios que representavam o estilo dos jovens: ordem cronológica dos *posts* (anotações), espaço para comentários, enquetes, fóruns, etc. O *LiveJournal* atraiu cinco milhões e meio de usuários em apenas cinco meses da sua criação.

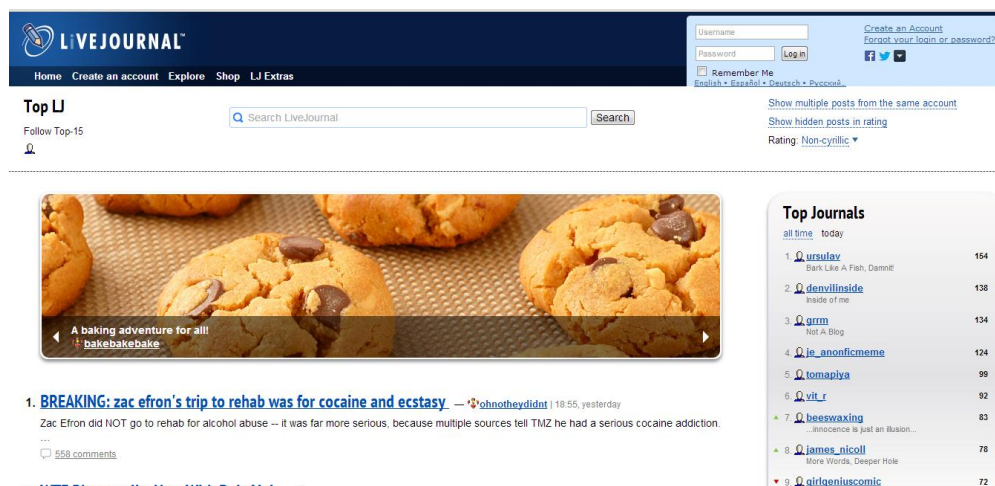


Figura 02: Página do *LiveJournal* em 2013

Extraído de: <http://www.livejournal.com/>

Quatro meses depois, Andrew Smales, 29 anos, criou o *Pitas*, que apesar de ter surgido depois do *LiveJournal*, acabou entrando na história como sendo o primeiro serviço gratuito que popularizou o *blog*. O *Pitas* caracterizava-se por ser estável, conter boa variedade de *templates* e estruturas de formato, apesar da sua simplicidade estética.



Figura 03: Página do *Pitas* em 2007

Extraído de: Antúñez, 2007.

O terceiro sistema pioneiro foi o *Blogger*, criado um mês depois do *Pitas*, em agosto de 1999, por *Evan Williams*, *Meg Hourihan*, *Paul Bausch* e *Matthew Haughey*. O sucesso foi além das expectativas dos seus criadores. Iguala-se aos seus antecessores, enquanto serviço *CMS* com hospedagem gratuita, no entanto, diferentemente do que aconteceu com seus antecessores, conseguiu suprir as necessidades por comunicação e informação do internauta da época.

A interface do *Blogger* é simples e fácil de usar, não há preocupação com instalação de programas, códigos ou *scripts*. O usuário tem total controle sobre o conteúdo publicado, podendo atualizá-lo instantaneamente e ainda modificar a aparência do *blog*, tendo, para isso, uma diversidade de *layouts* disponíveis. A atualização pode ser feita de qualquer lugar, bastando que o usuário esteja conectado à internet, sem que para isso precise editá-lo manualmente e fazer o *upload* para o local em que está hospedado. Para um usuário mais avançado, o *Blogger* oferece uma série de ferramentas que incrementam suas funcionalidades.

Em 2003, o *Google* adquiriu a empresa *Pyra Labs*, responsável pelo desenvolvimento do *Blogger*. A partir daí, problemas de interrupções causadas pelo crescente número de usuários deixaram de existir devido ao investimento em infraestrutura. O *Google* também inseriu publicidades no cabeçalho de todos os *blogs*, com a finalidade de financiar o serviço. A partir de 2004, ocorreram outras mudanças,

como o acréscimo do sistema de comentários, que antes tinha que ser incorporado através de *sites* externos. Criou-se o perfil público de cada autor e páginas individuais para cada publicação.

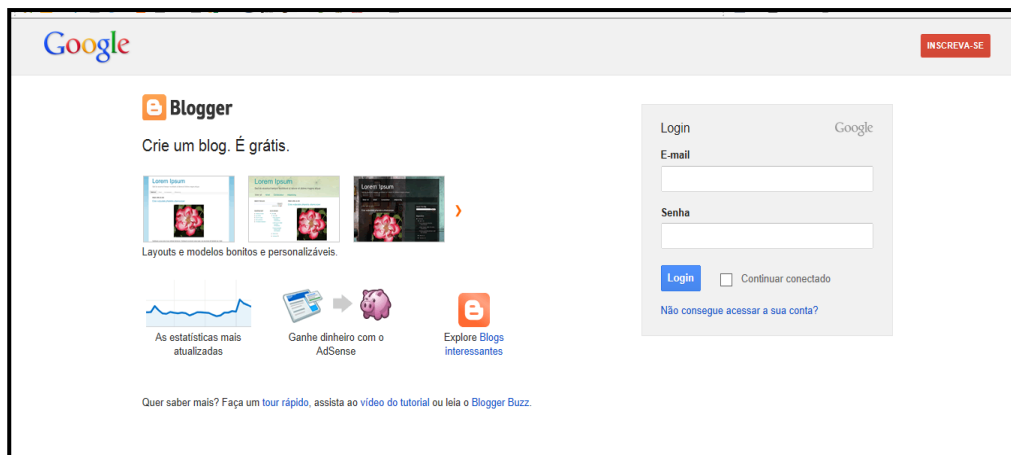


Figura 04: Página do *Blogger* em 2013

Extraído de: <https://www.blogger.com>

De acordo com Denise Schittine (2004, p. 12), o *blog* surgiu no Brasil como um diário virtual que revelava a necessidade das pessoas de falar de si mesmo para que outras pessoas pudessem opinar. Esse fato se deu por volta do ano 2000, mas, quando chegou ao Brasil, já estava popularizado em outros países. Desde então, vem se popularizando na internet, no país e no mundo, conquistando cada vez mais espaço como uma nova mídia de fácil criação, manutenção, interação e utilização por parte de adolescentes e adultos que podem publicar desde fatos da vida pessoal (diário virtual) como dos diversos setores sociais: político, econômico, cultural e educacional.

As publicações são chamadas de artigos ou *posts* e aparecem em ordem cronológica inversa, ou seja, a publicação mais atual ocupa o topo da página. A facilidade de interação entre autor/leitor (e vice-versa) e leitor/leitor é uma de suas principais características.

Com a popularização, várias plataformas destinadas à hospedagem de *blogs* foram surgindo gratuitamente e de uso cada vez mais acessível, atendendo às necessidades de crianças, adolescentes e adultos. Com apenas um *e-mail*, pode-se criar uma conta, fornecer uma senha e, em seguida, é possível publicar, além de textos, diversas mídias, como músicas, vídeos, imagens, sons diversos, *links*, slides etc. Essa

capacidade multimidiática de publicação, compartilhamento, pesquisa, armazenamento, aliada às capacidades de interação entre autor/leitor e de descentralização de sua manutenção, fez dessa ferramenta digital um fenômeno que cresce em escala gigantesca a cada dia.

2.3 Blogs educacionais e suas contribuições para o letramento digital

Com o surgimento da *web 2.0*, temos, hoje, a possibilidade de interagir na internet de forma bastante dinâmica. Antes, isso só era possível para aqueles que tinham o conhecimento técnico da linguagem eletrônica. Com a linguagem digital, a internet passou a ser um lugar de autoria possível a todos os usuários.

Trazendo para o setor educacional, são muitos os ambientes virtuais da *web 2.0* que podem contribuir com a aprendizagem: *E-mail, Chat, Fórum, Blog, Wikis, Webquest, Hot-potatoes* etc. Porém, cada um com sua especificidade, ou seja, dependendo do que se deseja realizar, deve-se observar qual o ambiente virtual mais adequado.

O professor, que objetiva fazer desses ambientes ferramentas para dinamizar sua prática pedagógica, precisa conhecer bem cada uma delas e também criar um método próprio para chegar junto ao aluno. Quando o professor planeja uma atividade que exija do aluno criatividade, a tecnologia lhe serve de suporte, não devendo ser a parte mais importante do processo. Agora, se o professor usa a tecnologia apenas para fazer com que o aluno assimile e reproduza conhecimento, ele não estará integrando a tecnologia ao ensino. Está apenas usando uma nova maneira de se manter no tradicionalismo.

Educar na sociedade da informação é um grande desafio que se impõe ao professor, como afirma o Livro Verde (2000, p. 45):

Educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na

produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica.

As mídias devem ser utilizadas de forma a contribuir para o crescimento intelectual do aluno, e isso só acontecerá se o professor propiciar situações de aprendizagem onde o aluno seja sujeito do próprio conhecimento, trocando saberes com os colegas e utilizando, na sua vida, os novos conhecimentos desenvolvidos na escola.

Os ambientes virtuais, por si só, não favorecem uma prática pedagógica interativa, geradora de conhecimentos por parte do alunado. A função do professor como mediador da aprendizagem é bastante importante. O professor tem a tarefa de guiar a discussão de um determinado tema ou conteúdo e ainda manter seus alunos-participantes motivados.

A construção do conhecimento no contexto da educação aliada às mídias digitais, assim como os papéis do professor e do aluno adquirem novo formato, de acordo com Losso e Cristiano (*apud* RIBEIRO e SCHONS, 2008, p. 135).

O papel do professor, nesse contexto, torna-se descentralizado na medida em que todos os envolvidos são aprendizes e podem contribuir uns com os outros. Essa perspectiva vai ao encontro para a formação da inteligência coletiva, possibilitando a construção do conhecimento de modo significativo, desenvolvendo habilidades intra e interpessoais. Nessa abordagem, os alunos deixam de ser independentes para serem interdependentes.

A escolha da ferramenta também interfere muito na motivação dos alunos, pois se o professor deseja realizar um debate no qual sejam expostos os diversos pontos de vista sobre um determinado texto lido em sala de aula ou até mesmo disponível na internet, tem que saber que o fórum é o melhor ambiente para essa prática. Assim como o fórum é mais adequado para dinamizar uma discussão a respeito de um tema, para se

trabalhar conteúdos gramaticais, por exemplo, pode-se usar o *webquest*, a fim de potencializar a fixação de algo trabalhado em sala de aula.

Cada ambiente virtual tem sua função específica. Conhecê-la é parte fundamental para quem deseja fazer uso desses ambientes. Depois disso, o importante é manter a motivação e interação do aluno, estimulando sua criatividade e ficando atento às suas contribuições.

Os ambientes virtuais, se bem utilizados, podem ser um forte aliado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Estes, quando motivados de forma adequada, poderão ser, não somente receptores de informações, como também produtores de conhecimentos, que é um dos principais objetivos da educação.

O surgimento da *web 2.0* é uma revolução, principalmente trazendo para o setor educacional. Ferramentas como a *Wikipédia* podem ser acessadas tanto como fonte de informação, quando numa pesquisa, como também, enriquecidas pelo conhecimento do próprio usuário sobre aquele assunto pesquisado.

A quantidade de informações que circulam nos meios sociais atualmente é tão intensa quanto a rapidez com que se tornam obsoletas. E é para essa sociedade dinâmica que professores e alunos devem estar preparados nos mais diversos sentidos. A necessidade de atualização é constante, pois os novos recursos tecnológicos, as mídias digitais, estão sempre mudando, atualizando-se, modificando a forma de trabalhar a informação. Professor e aluno estão tendo papéis diferenciados, diferentes dos tradicionais. Hoje, ambos precisam aprender a aprender constantemente. É necessário estar pronto a colaborar, trocar ideias, compartilhar conhecimento, ser autor da própria aprendizagem.

Diante disso, a escola é de fundamental importância para se trabalhar esse novo sujeito, o qual irá atuar nessa sociedade tecnologicamente modificada e dinamizada. Através de uma abordagem construtivista do uso do *blog* educativo, é possível possibilitar ao aluno um trabalho coletivo, no qual ele irá partilhar seus conhecimentos, dúvidas, deficiências de aprendizagem, e o mais importante, construir, com os demais, novos saberes através desse processo de troca e construção de aprendizagens. Segundo Losso e Cristiano (*apud* CABRAL e CAVALCANTE, 2010, p. 77):

O emprego dos *blogs* pelos professores demonstra que a escola se apropria da tecnologia como elemento transformador e evolutivo dos processos de ensino e aprendizagem e desmistifica a ideia de que as ferramentas tecnológicas só podem ser utilizadas por aqueles que conhecem a tecnologia.

Com o uso do *blog* educacional, ou pedagógico, o professor pode fazer uma abordagem diferenciada do tema que deseja trabalhar, pois ele passa a ser um coautor do conhecimento que vai sendo construído juntamente com os alunos que são leitores e coautores. Suas ferramentas de publicação, compartilhamento e comentários, atraem e envolvem o aluno que busca refletir e solucionar os problemas colocados pelo professor. É nessa busca por soluções que o aluno constrói sua autonomia, interagindo no *blog* com o professor e com os colegas, que cooperam entre si formando uma rede de conhecimentos.

Através dessa rede de conhecimentos formada e possibilitada pelos recursos multimidiáticos do *blog*, professores e alunos aprendem juntos, com a interação, formando uma parceria enriquecedora. O professor ensina e aprende ao mesmo tempo, no *blog* educacional, da mesma forma acontece com o aluno que deixa de ser apenas aprendiz para ser também autor de conhecimento, ensinando, ao passo que aprende. Toda essa interação dinâmica fica registrada, possibilitando aos autores/coautores reverem o caminho da sua aprendizagem, que, diferentemente do que acontece no paradigma tradicional, não é linear.

Essa interação deve ser mediada pelo professor, que deve estar muito atento às limitações dos seus alunos, limitações essas que podem estar relacionadas ao tema proposto ou até mesmo ao uso das ferramentas do *blog*. Visto isso, o professor possibilitará a autonomia do aluno no processo de construção de uma aprendizagem significativa.

O *blog* educacional possibilita ao professor trabalhar com projetos pedagógicos de forma mais colaborativa, envolvendo mais os alunos nas atividades desejadas, levando-os a desenvolver habilidades de pesquisa, reflexão, construção de ideias, compartilhamento de opiniões e debate.

2.4. Leitura e Escrita para nativos digitais: transformações e perspectivas

Os alunos do Ensino Fundamental II, cujas idades variam entre dez e quatorze anos, já nasceram cercados pelas ferramentas da era digital e fazem uso de jogos digitais, e-mail, redes sociais, telefones celulares multimidiáticos, acessam a internet, trocam mensagens instantâneas, assistem e produzem vídeos, músicas e fotos digitais, enfim, todas essas tecnologias integram a vida desses jovens desde sempre.

Para Prensky (2001, p. 1), a linguagem dos computadores, *videogames* e internet são naturais aos alunos de hoje, por isso este autor os denomina de “nativos digitais” e os diferencia de nós, pais e professores, em tom metafórico, nos denominando “imigrantes digitais”.

O “sotaque do imigrante digital” pode ser visto em coisas como recorrer a Internet para buscar informação em segundo lugar, e não em um primeiro momento, ou em ler o manual de um programa ao invés de assumir que o próprio programa vai nos ensinar a usá-lo. As pessoas mais velhas se socializaram de uma forma diferente de seus filhos, e estão em processo de aprendizagem de uma nova língua. E uma língua aprendida mais tarde, os cientistas confirmam, vai para uma parte diferente do cérebro. (PRENSKY, 2001, p. 2)

A interação, em tempo integral, com todos esses ambientes tecnológicos modificou a forma desses jovens pensar, agir, e processar as informações. Cecchetti (2011, p. 4), entendendo que “as gerações são produto de fatos históricos que influenciaram profundamente os valores e a visão de mundo de seus membros”, procura definir as diferenças existentes entre cada geração, a fim de entender os gatilhos responsáveis pelo conflito entre gerações de professores e alunos. A classificação das gerações ocorre a partir de 1925 até os dias atuais. Cecchetti as denomina de “tradicionais”, “*baby-boomers*”, e gerações “X”, “Y” e “Z”. No quadro 01, a seguir, temos um breve resumo das características históricas, parentais e comportamentais dessas gerações.

Quadro 01 – Diferenças existentes entre as gerações de jovens, a partir de 1925

Gerações	Características
Veteranos ou tradicionais (1925-1950) - Geração silenciosa	➤ Grande Depressão ➤ Segunda Guerra Mundial ➤ Tempos economicamente difíceis ➤ Valorização do emprego ➤ Funcionários ➤ São conservadores.
Baby-boomers (1951-1964) - Geração idealista	➤ Pós-guerra ➤ Era do rock e da rebeldia ➤ Narcisista ➤ Hippies ➤ Ativismo político (paz e amor) ➤ Os mais velhos são fonte de conhecimento.
Geração X (1965-1984) - Geração realista	➤ Realismo cético ➤ Mudança de comportamento devido ao aparecimento da AIDS ➤ Informatização=informação ➤ Deixam de buscar conhecimento nos mais velhos
Geração Y (1984-1999) - Criativos	➤ Otimistas ➤ Superativos ➤ Crescimento das telecomunicações ➤ Viciados em tecnologia e em equipamentos eletrônicos
Geração Z (meados dos anos 90) - Adaptáveis	➤ Geração Zapping (Z) ➤ Nativos digitais ➤ Videogames ➤ Mundo virtual paralelo ➤ Geração Líquida

Fonte – Elaborada pela autora, a partir de Cecchettini, 2011.

Os “Tradicionais” ou “Geração Silenciosa”, para Cecchettini (2011), são aqueles que nasceram entre 1925 e 1950 e que sendo filhos de famílias que passaram pela Grande Depressão e duas grandes Guerras Mundiais, adquiriram um estilo de liderança autoritário, tornaram-se funcionários obedientes que dão muito valor ao emprego. Benson (2000, *apud* BATISTA, 2010) caracteriza os veteranos como um grupo que gosta de consistência e uniformidade, disciplinados e leais, com um forte sentido do dever e cumpridores da lei. Acreditam na lógica e investem de forma conservadora.

Os “baby-boomers”, “baby boom” ou “Boomers” grupo nascido entre 1951 e 1964, também conhecido como “idealistas”. Geração que vivenciou a era do rock e da

reabeldia em um período de muita riqueza no EUA. Tornaram-se indulgentes e narcisistas. Testemunharam fatos que expuseram a vulnerabilidade da autoridade como o escândalo Watergate e a Guerra do Vietnã. Os Baby-boomers, para Benson (2000, *apud* BATISTA, 2010), gostam de ser o centro das atenções, são otimistas quanto ao progresso econômico e social, consideram-se atualizados. Procuram se conhecer e entender o sentido da vida de forma repetida e obsessiva.

A Geração X, dos nascidos entre 1965 e 1984, vivenciou acontecimentos políticos como a Guerra Fria, a Perestroika, a queda do Muro de Berlim e, no Brasil, a luta pelas Diretas Já. No setor social, testemunharam o surgimento da AIDS, doenças que provocou uma grande mudança no posicionamento ideológico dessa geração. São realistas e veem os valores dos pais com certo cinismo e desilusão. Para Benson (2000, *apud* BATISTA, 2010), os oriundos dessa geração são céticos, porém autoconfiantes. Dão valor à família, à vida pessoal e profissional. Não valorizam prazos, horários, mas buscam cumprir seus objetivos. É uma geração avessa ou indiferente à autoridade, pois prefere a informalidade no setor de trabalho. Dominam as tecnologias e são bastante criativos.

A Geração Y envolve os nascidos entre 1984 e 1999. Os mais velhos estão chegando aos 30 anos e os mais jovens estão na adolescência (15 anos). Foram filhos desejados e protegidos por seus pais. As crianças dessa geração são seguras e vivem em um momento de muita velocidade nas transformações sociais. Valorizam a vida pessoal, buscam mais qualidade de vida. São silenciosos e contundentes e executam suas decisões através de *blogs* e *SMS*. São ativos, esperançosos, bem instruídos e decididos.

Nas empresas, a Geração Y tem certa dificuldade em adequar o emprego às suas expectativas pessoais. São imediatistas, não têm paciência para a leitura no livro de papel, preferem os digitais. Têm consciência da fugacidade das informações e por isso procuram estar sempre conectados à internet. Benson (2000, *apud* BATISTA, 2010) define a Geração Y como otimistas quanto ao futuro. É uma geração, cujas mães trabalham fora e por essa razão deixam os filhos aos cuidados de babás ou creches. Apreciam a maneira de ser dos pais e aceitam de forma natural as diversidades de raças, religiões e ambientes. Sabem mais do que seus pais quanto ao uso das tecnologias. Ainda há uma série de incógnitas sobre o futuro dessa geração, em termos comportamentais, políticos e sociais.

A Geração Z abrange os nascidos a partir de 2000, cujas características ainda são muito novas e vão surgindo a cada nova mudança. Essa é a geração dos chamados Nativos Digitais, cujo cérebro parecer ter nascido com um chip embutido. Buscam todos os tipos de assuntos no Google, usam todos os tipos de *software*. Já nasceram cercados por internet, redes sociais e uma série de aparelhos multimidiáticos como: *smartphones, tablets, notebooks, etc.*

Toda essa tecnologia torna essa geração mais imediatista e com um poder de concentração menor. Eles são práticos e calculistas. Têm grande mobilidade no uso de mais de uma tecnologia ao mesmo tempo como acessar a internet, ouvir música e assistir TV. O “Z” vem de Zapear, que significa mudar de canal constantemente. No caso dessa geração, a mudança ocorre entre as tecnologias das quais fazem uso. Não são capazes de imaginar o mundo sem tecnologia, com divisões territoriais, sem globalização, sem acesso à informação, sem internet. Estão sempre conectados, são mais bem informados que os mais velhos e adaptam-se facilmente às mudanças de sua época.

O grande problema dessa geração não é a falta de informação e sim o que fazer com ela. Transformar informação em conhecimento exige maturidade, reflexão e conexões cerebrais acertadas. É aí que entra a figura do professor, para organizar o excesso de informação gerado pela avalanche de tecnologias e informações que cercam a Geração Z. Métodos de ensino e aprendizagem mais criativos, atraentes e interativos têm mais chance de conquistar a atenção dessa geração que não gosta de se sentir limitada, sem opções de escolha.

A Geração Z está em frequente ascensão, está se tornando cada vez mais ágil e volúvel, o que dificulta mais ainda a tarefa do professor que deseja conquistar sua atenção. Como trabalhar a leitura e a escrita com uma geração que lê e escreve tanto no meio virtual, que é capaz de ler e interpretar diferentes signos ao mesmo tempo? Que tipo de leitores eles são? Que tipo de leitura eles fazem? Santaella (2004, p. 16) distingue três tipos de leitores: o Contemplativo (mediativo), o Movente (fragmentado) e o Imersivo (virtual). Apesar de haver uma sequencialidade histórica no perfil de cada um desses leitores, um não exclui o outro, ou seja, há convivência e reciprocidade entre eles. Vejamos suas características no quadro a seguir:

Quadro 02: Tipos de leitor

Contemplativo (mediativo)	➤ Leitor da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa; ➤ Adepto da leitura silenciosa, isolada e paulatina que lhe possibilita ler textos mais complexos; ➤ Tem o domínio da própria leitura, podendo ler e reler quantas vezes achar necessário; ➤ Leitor que nasce da intimidade com o livro, leitura do manuseio, num espaço privado.
Movente (fragmentado)	➤ Leitor do mundo em movimento, dinâmico, híbrido, de misturas significativas, filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos, o homem da multidão, nascido com a explosão do jornal, com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema e da televisão; ➤ Leitor capaz de compilar diversas imagens e novas formas de ler; ➤ Leitor que foi se adaptando a novos ritmos de atenção, que passam do estado fixo para o móvel.
Imersivo (virtual)	➤ Leitor que emerge dos novos espaços incorpóreos da virtualidade; ➤ Leitor que nasceu da comunicação imediata e da multiplicidade de signos, sons e cores dos ambientes virtuais; ➤ Leitor acostumado com a linguagem instantânea, efêmera e com alta capacidade perceptiva e cognitiva; ➤ Leitor com habilidades de leitura multimídia acostumados a ler no ambiente hipermidiático do ciberespaço.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de Santaella, 2004.

Santaella (2004, p. 16) buscava destacar as habilidades de cada tipo de leitor, principalmente as do leitor Imersivo, que é o foco da sua pesquisa. Ela buscou entender quem é esse novo leitor do século XXI, quais foram as transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que desencadearam uma acentuação de sua

sensibilidade. Por serem nativos digitais, os leitores imersivos não se sentem motivados a atuar em ambientes estáticos, pois são habituados a manipular conteúdos, a ser produtor/reprodutor e autor de conteúdos. É preciso entender as características desse tipo de leitor para buscar desenvolver um ambiente de aprendizagem adequado a esses novos aprendizes que são usuários contínuos da *web* e de tecnologias móveis, como *smartphones*, *tablets*, etc. Cecchetti (2011, p. 8) sintetiza, no quadro a seguir, as diferenças entre os nativos digitais e seus professores.

Quadro 03: Diferenças entre Nativos Digitais e Imigrantes Digitais

Alunos Nativos Digitais	Professores Imigrantes Digitais
➤ Estão conectados a objetos e a tecnologia é uma extensão de seu cérebro. ➤ Preferem receber informação rapidamente, de múltiplas fontes. ➤ Preferem processamento paralelo e multitarefa. ➤ Preferem trabalhar com imagem, som e vídeo, ao invés de texto. ➤ Preferem acesso randômico à informação multimídia hiperligada. ➤ Preferem interagir simultaneamente com muitos, são adeptos do coletivo. ➤ Preferem aprender na hora (<i>just in time</i>). ➤ Preferem gratificação e recompensas instantâneas. ➤ Preferem aprender coisas que são relevantes, instantaneamente úteis, lúdicas e divertidas.	➤ Controlam objetos e a tecnologia é um recurso eventual. ➤ Preferem a oferta de informação lenta e controlada, de fontes limitadas. ➤ Preferem processamento linear e tarefas únicas ou limitadas. ➤ Preferem oferecer texto ao invés de figuras, som e vídeo. ➤ Preferem oferecer informação de forma linear, lógica e sequencial. ➤ Preferem ensinar “se for o caso” (pode cair na prova). ➤ Preferem adiar a gratificação e as recompensas para o final do período. ➤ Preferem ensinar o que está no currículo e testes padronizados. ➤ Estão orientados para o trabalho, limitando-se a cumprir o programa e a fazer os testes de avaliação.

Fonte: Cecchetti, 2011.

Como pode ser visto no quadro 03, as características dos nativos digitais distanciam-se em muitos aspectos dos imigrantes digitais. Isso explica a dificuldade que muitos professores têm em adequar o conteúdo pedagógico à forma de aprender dessa nova geração, pois ainda estão baseando-se em seu próprio modelo mental de ver, perceber e sentir e utilizando recursos de ensino que não contemplam as forma de aprender dos nativos digitais. Sobre um ambiente de ensino-aprendizagem adequado para os novos leitores do século XXI, Neto (*et. al.* 2013, p 151) afirma que:

Há de se pensar que um ambiente propício aos multiletramentos/multiculturalismo/multissemioses deve considerar que o uso das tecnologias, a hibridação de mídias, a fluidez de conteúdos, a manipulação/processamento/difusão de informações estão delineando outro perfil de aprendiz (aluno) que tem adotado novos e múltiplos processamentos de leitura e produção.

Sobre a leitura e a escrita na internet, Lévy (2011, p. 44) chama nossa atenção para as mudanças ocasionadas pelo hipertexto digital, que ele define como “um texto móvel e caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade diante do leitor”. Freitas (2006, p. 35) afirma que “a escrita na internet coloca no mesmo plano a exterioridade da oralidade e a interioridade da escrita.(...) A partir do hipertexto, toda leitura pode tornar-se uma escrita”.

No ciberespaço, autor e leitor se confundem e a escrita passa a ser uma atividade coletiva e colaborativa, pois o leitor participa da estruturação do hipertexto acrescentando novas conexões através de *links* que levam a outros caminhos, passando, nesse momento, de leitor para autor.

O leitor em tela, para Lévy (2011, p. 40), é “mais ativo que o leitor em papel: ler em tela é, antes mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa”.

O interesse que a Geração Z, ou nativos digitais, têm pela leitura e escrita em tela se dá pelo acesso a outras maneiras de ler e de compreender o texto. O computador passa a ser, não mais uma ferramenta para produzir textos clássicos, mas um potencializador da informação. Para Lévy (2011, p. 40), só na tela do computador

ou de outros dispositivos digitais interativos é que o leitor “encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem (...)”. A tela informática é uma nova máquina de ler, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular.

Dito isso, é para este leitor-navegador não passivo que a escola deve se preparar, buscando cada vez mais conquistar sua atenção, a fim de prepará-lo para fazer a única coisa que eles ainda não fazem com facilidade, que é transformar toda essa gama de informação, proporcionada pelas mídias digitais, em conhecimento útil para seu desenvolvimento integral como cidadão.

3 BLOG “A LEITURA LIBERTA”³: DA CRIAÇÃO À UTILIZAÇÃO PEDAGÓGICA

A aquisição da leitura é fundamental para que o ser humano tenha acesso à sua herança cultural. A leitura deve desenvolver no aluno uma visão crítica do mundo para que ele seja capaz de contribuir para a melhoria da sua realidade e da coletividade. Porém, o despertar do hábito de ler e de escrever dos alunos, é uma das maiores preocupações dos professores de Língua Portuguesa. A falta desse hábito acaba afetando o aluno, não só nessa disciplina específica, mas em todas as demais, além de dificultar o cumprimento satisfatório dos eixos referentes à leitura, à escrita e à oralidade, que poderia proporcionar uma aprendizagem da Língua Portuguesa realmente significativa para o aluno. Sobre a dificuldade da escola em trabalhar com a leitura e a escrita, Silva (2005, p. 33) afirma que:

Apesar de tão continuamente requisitada e tão multifacetadamente presente dentro de propostas que visam facilitar a aquisição de experiências, a leitura levanta-se como uma grande fonte de inquietação dentro do cenário educacional brasileiro - como um grande enigma, por assim dizer. Na ausência de informações que orientam uma prática mais eficiente, o ensino da leitura parece ser realizado ao acaso, fazendo com que os professores ajam através do

³ O blog “A Leitura Liberta” pode ser acessado através do link: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

ensaio-e-erro quando da abordagem de materiais escritos junto a seus alunos.

Observa-se, nas escolas, um aumento do número de jovens que, hoje, leem muito através da internet. O problema está na falta de discernimento para a escolha de boas leituras, leituras que sejam realmente construtivas. Através do ciberespaço, um ambiente interativo, onde o usuário pode, além de ler um texto, alterá-lo, transformá-lo e personalizá-lo, o professor pode desenvolver um trabalho muito interessante no que tange à prática da leitura e da escrita. A leitura no ciberespaço é muito mais instigante para o jovem que está buscando informação, pois o dinamismo, que não se encontra no texto impresso, o motiva a ler cada vez mais.

Pensando em buscar uma solução para preparar o aluno para lidar com a leitura e a escrita nesse ambiente virtual, criei em 28 de julho de 2010, o *Blog Educacional “A Leitura Liberta”*, em uma Formação Continuada ProInfo Integrado - Curso Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC (100h), oferecida aos professores da Rede Municipal de Ensino do Município de João Pessoa, no primeiro semestre de 2010. Como atividade final dessa Formação, os cursistas deveriam criar um *blog*, mostrando que aprenderam a utilizar os recursos tecnológicos e que esses podem ser inseridos no contexto escolar. Muitos *blogs* foram criados, em sua maioria, *blogs* pessoais que foram ganhando, ao longo do tempo, características de diários íntimos.

Escolhi a plataforma *Blogger* porque não tenho conhecimento em programação, o que seria necessário para usar o *Wordpress.org*, por exemplo. Outro fator importante, que me fez optar por essa plataforma, se deu pelo fato de que eu já usava o *Gmail* e o *Orkut* (rede social ativa na época), que são serviços oferecidos gratuitamente pelo *Google*, assim como o *Blogger*. A comodidade de não ter que criar uma nova conta de *e-mail* me motivou para a utilização dessa plataforma. Os alunos, na época, também já usavam esses serviços do *Google*, então vi que seria mais fácil para eles o acesso e a compreensão das ferramentas do *blog*.

O *Blog “A Leitura Liberta”*, desde o primeiro momento, foi idealizado para ser utilizado em sala de aula, sendo um ambiente colaborativo, pedagógico e interativo, permitindo, assim, a comunicação professor-aluno, presencialmente ou a distância, quando necessário. Percebi que sua utilização poderia despertar a atenção dos alunos, além de incentivar e facilitar o acesso à leitura e à escrita, estimulando-os a produzir

textos, expor suas ideias e opiniões, ampliando seus conhecimentos, ao passo que interagem com os colegas e professores. Também seria uma estratégia pedagógica para inserir aqueles alunos que não têm acesso ao computador e à internet e que dependem apenas da escola para aprender a trabalhar nos ambientes virtuais.

O funcionamento iniciou em 2010, e, até agora, foram feitas 47 postagens, todas relacionadas a trabalhos que são pensados para serem desenvolvidos em sala de aula, o que significa que, nos períodos de recesso escolar não há publicações, pois o objetivo é que os alunos acompanhem os *posts* através do laboratório de informática da escola, no horário das aulas de Língua Portuguesa, sob minha supervisão. As 47 postagens estimularam 457 comentários dos alunos, em sua maioria. Há também comentários de seguidores, pois o *blog* é público, podendo ser encontrado por qualquer internauta nas buscas do *Google*. As visualizações de página somam aproximadamente 17.000, grande parte originada dos acessos realizados no laboratório de informática, em detrimento das pesquisas dos alunos.

3.1 Ferramentas de interação e colaboração inseridas na construção do *Blog* “A Leitura Liberta”

A colaboração do leitor com o conteúdo apresentado no *blog* é uma das principais características dessa ferramenta digital. É através da publicação de comentários que o leitor tem a oportunidade de expor sua opinião sobre o texto lido, podendo contribuir, assim, com a sua (re)construção junto ao autor. O espaço para comentários fica localizado no final do texto. Cada texto ou *post* novo tem seu próprio espaço para interação com o leitor. Sobre essa abertura à participação do público leitor, Oliveira (2013, p. 159) afirma que:

os *blogs* dependem inteiramente da participação dos internautas para serem reconhecidos como tal, perdendo, em parte, sua função interativa e até mesmo sua “razão de ser” quando não há uma abertura ou mesmo a participação ativa de um grupo em interação mútua.

Dessa forma, pensando em ampliar as possibilidades colaborativas do *blog* “A Leitura Liberta”, inseri outras ferramentas que dão ao leitor uma maior mobilidade para comentar, compartilhar, curtir, sinalizar sua reação ao *post* e até enviar uma mensagem particular para o autor. Farei a especificação e caracterização de cada uma dessas ferramentas que proporcionam mais aproximação do leitor com o conteúdo publicado no meio virtual.

*Cbox*⁴ – Caixa de recados para *Blogger*: A caixa de recados *Cbox* facilita a comunicação com o visitante, assim como permite que este possa deixar sua opinião para o autor e/ou para outros leitores. É um recurso bastante utilizado, pois uma vez *on-line*, autor e visitantes podem até estabelecer um diálogo, sem que isso interfira em nenhum *post*, devido a sua localização ficar fora do campo destinado aos textos. Sua utilização é intuitiva, seu design é personalizável, todas as mensagens antigas continuam armazenadas no histórico e todos podem ter acesso. Enfim, a caixa de recados dá ao *blog* maior abertura para o diálogo, como acontece em outras redes sociais muito utilizadas pelos alunos. A figura 05 mostra uma pequena parte de como ocorre os diálogos nesta ferramenta.

⁴ O Cbox pode ser acessado através do site <http://www.cbox.ws/>. Após criar uma conta, o usuário pode seguir os passos para personalizar a caixa de recados do seu blog, escolhendo tamanho, cor, fonte, como mostra o site de dicas para blog <http://www.dicasblogger.net/2012/05/chat-cbox-para-blogger.html>.

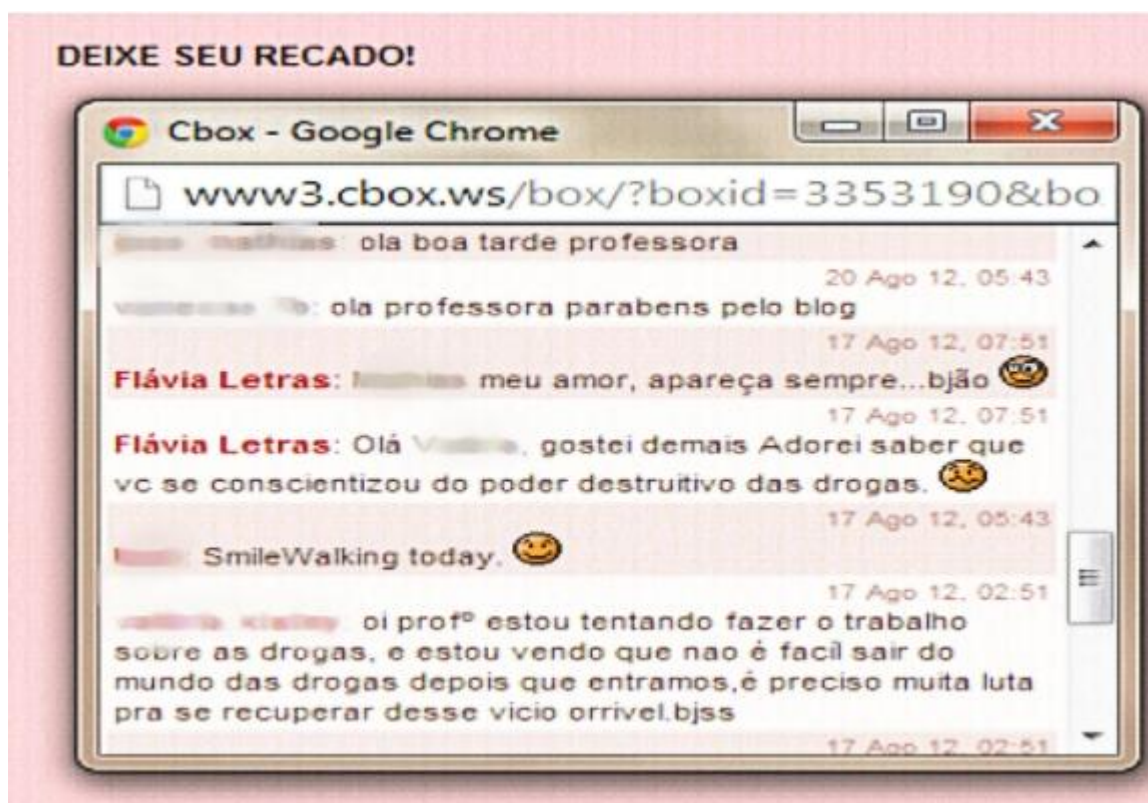


Figura 05 - Interação dos alunos com a professora através da Caixa de Recados

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Outra opção de caixa de comentários foi o **Comments Plugin**⁵, que possibilita ao aluno comentar o conteúdo utilizando seu perfil no *Facebook*, mostrando para seus amigos essa atividade através do *feed* de notícias. A vantagem do *Comments Plugin*, comparado ao *Cbox* é que o aluno, que, na maior parte do tempo, está conectado ao *facebook*, não precisa se desconectar para deixar seu comentário. Um *post* novo pode ter seu *link* disponibilizado pelo professor nessa rede social, e o aluno, ao clicar, acessará o *blog* deixando um comentário que será visto por seus amigos no *facebook*, o que permite que esses amigos possam também comentar e curtir essa atividade. Veja a figura 06, a seguir:

⁵Todos os *plug-ins* sociais mencionados nessa pesquisa, assim como seus conceitos, mencionados aqui, foram encontrados no endereço: <https://developers.facebook.com/docs/plugins/>.



Figura 06 - Caixa do *Comments Plugin*

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Foi pensando nos hábitos de navegação demonstrados pelos alunos que disponibilizei, além do *Comments Plugin*, outros *plug-ins* sociais para potencializar a capacidade de interação, colaboração e aceitação do *blog*.

Plug-ins sociais são ferramentas do *facebook* que podemos adicionar a *sites* externos. Através deles, o leitor, pode curtir, comentar, compartilhar, recomendar e enviar um texto lido para que seus amigos vejam. Tudo aparece na página inicial do *facebook*, no chamado *Feed* de Notícias, que são as atualizações das atividades realizadas pelos usuários dessa rede social.

Toda essa experiência é permitida, se o usuário estiver conectado ao *facebook*. Os principais *plug-ins* sociais que foram inseridos no *blog* são:

Like Button (Botão Curtir): Através desta ferramenta, o aluno pode compartilhar e conectar-se publicamente com o conteúdo do *blog*. A descrição dessa ferramenta é a seguinte:

O botão Curtir é um *plug-in* social lançado em abril de 2010 como uma forma de as pessoas compartilharem seus interesses em conteúdo fora do *Facebook* (artigos, vídeos, produtos etc.) e oferecer recomendações para seus amigos no *Facebook*. O botão Curtir e outros *plug-ins* sociais funcionam por meio de um *iframe*, que é fornecido pelo *Facebook* e pode ser inserido em qualquer site. O resultado é que o visualizador acessa uma pequena parte do *Facebook* diretamente nesse site. Quando

as pessoas conectadas no *Facebook* visitam um site que usa o botão Curtir ou outro plug-in social, elas podem ter uma experiência mais social vendo quais de seus amigos curtiram algo ou curtindo algo e compartilhando com seus amigos no *Facebook*. Como o botão Curtir é fornecido pelo *Facebook*, nenhum dado do usuário é compartilhado com o site a menos que ele esteja explicitamente conectado a esse site com o *Facebook* e tenha concedido permissão para acessar seus dados.(FACEBOOK, 2013, *on-line*)

Share Button (Botão Compartilhar): Através desse botão, o aluno poderá escrever algo sobre o *link* do *blog* que deseja compartilhar em sua linha do tempo, no *facebook*. Diferencia-se do botão Curtir, justamente porque permite que o aluno escreva algo em uma caixinha de texto que aparece junto com o *link* que deseja compartilhar. O botão curtir, simplesmente, compartilha de forma direta, sem espaço para acréscimo de opinião. Além disso, é possível a escolha do público para o qual se deseja compartilhar o conteúdo: Na sua própria linha do tempo; Na linha do tempo de um amigo; Em um grupo; Em uma página que você administra ou Em uma mensagem privada. Veja a figura 07, a seguir:

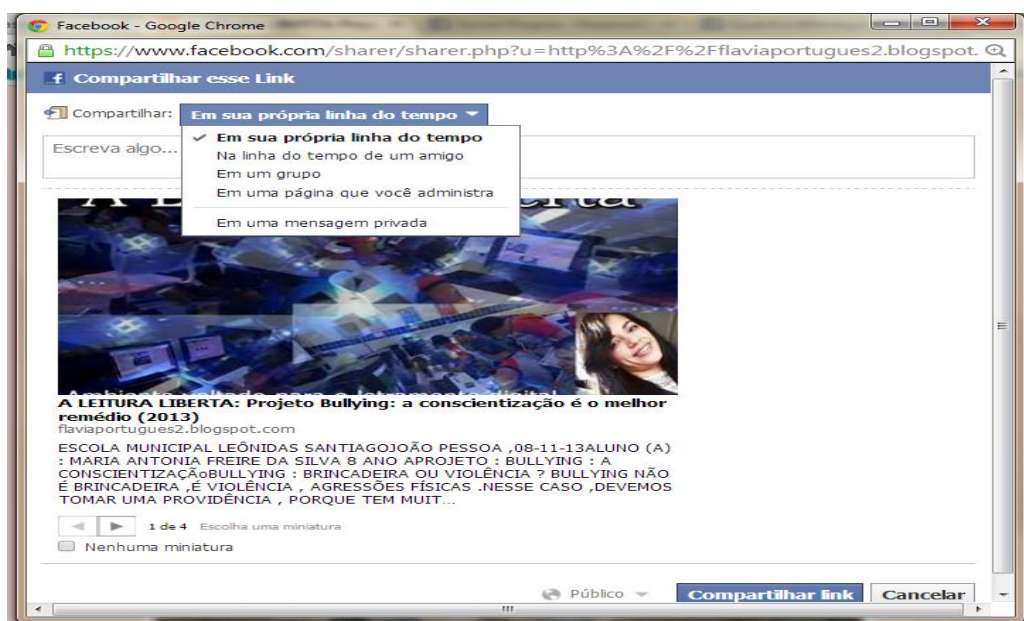


Figura 07 - *Share Button* (Botão Compartilhar)

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Send Button (botão enviar): Esse botão oferece a opção de o aluno enviar um conteúdo do *blog* de forma privada, ou seja, não tornando público, em seu perfil do *facebook*, o conteúdo que deseja compartilhar. Ao clicar no botão, aparecem as opções: Escolha um amigo, grupo ou endereço de *e-mail*. Dessa forma, ele pode direcionar quem verá esse conteúdo específico e ainda pode enviar junto como *link*, uma mensagem privada. Podemos verificar isso na figura a seguir, que mostra a caixa que se abre quando clicamos no botão “Enviar”:



Figura 08 - *Send Button* (Botão Enviar)

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Follow Button (botão seguir ou acompanhar): permite que o aluno se inscreva com apenas um clique, se já estiver conectado ao seu perfil do *facebook*, para receber atualizações do *blog* no seu “*Feed* de Notícias”, ou seja, nas novidades que aparecem na sua página inicial.

Like Box (Caixa de Seguidores – tradução própria): Essa ferramenta foi inserida porque eu criei uma página para o *blog* “A Leitura Liberta” no *Facebook*⁶.

⁶O *blog* “A Leitura Liberta” também tem sua versão no *Facebook*. O endereço é <https://www.facebook.com/ALeituraLiberta>

Dessa forma, os seguidores dessa página são visualizados no *blog* da plataforma *Blogger*. Sempre que faço uma atualização, compartilho o *link* na página, para que os alunos que a estiverem seguindo sejam convidados a acessarem o *blog* para ler o novo *post*.

A definição que o *facebook* dá para *Like Box* é a seguinte:

A caixa de seguidores é uma versão especial do botão Curtir concebido apenas para páginas do *Facebook*. Ele permite que os administradores promovam suas páginas e insiram uma simples alimentação do conteúdo de uma página em outros sites. (FACEBOOK, 2013, *on-line*)

Facepile: Esse *plugin* exibe as fotos de pessoas que se conectaram à página “A Leitura Liberta”, no *Facebook*. No *blog*, o *Facepile* aparece ligado ao *Like Box*, como veremos na figura, a seguir:



Figura 09 - *Like Box* e *Facepile*, no *blog* “A Leitura Liberta”

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>



Figura 10 - Página do blog “A Leitura Liberta”, no *facebook*

Extraído de: <https://www.facebook.com/ALeituraLiberta>

A figura 10 exibe a página do blog no *facebook*, na qual são compartilhados os *links* que são visualizados e acessados pelos alunos seguidores desta página.

Os alunos aprovaram essas ferramentas, pois fazem uso delas constantemente. A vantagem é que quando um aluno vê a atividade do colega no blog, sente-se convidado a também participar, criando, assim, uma rede colaborativa de comunicação e informação.

3.2 Projetos educativos: a base do trabalho realizado no blog “A Leitura Liberta”

Inicialmente, o blog foi utilizado para compartilhar os projetos que eram desenvolvidos em sala de aula. Depois, percebendo a dificuldade que muitos alunos apresentavam no campo da leitura e da escrita, iniciei um trabalho mais voltado para o letramento digital, utilizando os recursos disponíveis no blog. A partir daí, os alunos

começaram a utilizar o suporte digital, não só para conhecer os projetos que iriam trabalhar em sala de aula, mas também para realizar suas pesquisas, compartilhar suas aprendizagens, dialogar com os colegas e comigo. A leitura e a escrita passaram, então, a ser o foco dos trabalhos nesse espaço virtual.



Figura 11: Alunos utilizando o *blog* “A Leitura Liberta”

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

O início desse letramento digital, com os alunos do Ensino Fundamental II, ocorreu em agosto de 2011. Em detrimento do Projeto da Secretaria de Educação do Município de João Pessoa, o Ano Cultural Políbio Alves, os alunos precisavam desenvolver um poema sobre a capital paraibana, inspirado na obra deste poeta paraibano. Surgiu, então, uma oportunidade para orientar esse trabalho a partir do *blog*.

Disponibilizei um *post* com *links* de *sites* sobre a vida e a obra do poeta, previamente avaliados por mim, para garantir a autenticidade das informações que seriam colocadas à disposição dos alunos. No laboratório de informática, os alunos pesquisaram vida e obra do poeta e fizeram comentários sobre o que aprenderam. A pesquisa foi necessária para que pudessem elaborar um poema baseado na obra do autor. Nessa primeira experiência, houve apenas 11 comentários, através dos quais os alunos relataram suas pesquisas.

Continuei usando o *blog* para postar notícias e informações sobre o Ano Cultural Políbio Alves, a fim de manter os alunos informados. Os *posts* tiveram os seguintes títulos: Notícia sobre o "Ano Cultural Políbio Alves"; Seleção do "Estudante

Destaque 2011": momentos finais; "Estudante Destaque 2011": uma visão crítico-social sobre a capital paraibana; Poemas selecionados da obra Varadouro, de Políbio Alves.

No post "Estudante Destaque 2011": uma visão crítico-social sobre a capital paraibana, divulguei o poema vencedor do concurso na etapa escolar, o que estimulou comentários de leitores do blog, como podemos ver na figura 12, a seguir.



Figura 12: Caixa de comentários do *blog*

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação para o Ensino Fundamental (2013), para que o aluno sobreviva na sociedade da informação é necessário que ele aprenda a aprender para continuar aprendendo, em todos os momentos da sua vida, não se restringindo apenas ao ambiente escolar ou à figura do professor, ganhando assim autonomia sobre sua aprendizagem.

Foi possível perceber, através da pesquisa e dos comentários deixados pelos alunos, que o *blog* é um recurso educacional muito rico capaz de desenvolver a capacidade de argumentação, de leitura e de escrita. Através dos recursos que permitem a escrita, houve a interação necessária para se estabelecer a comunicação professor-aluno e aluno-aluno.

Essas novas exigências requerem um novo comportamento dos professores que devem deixar de ser transmissores de conhecimentos para serem mediadores, facilitadores da aquisição de conhecimentos; devem estimular a realização de pesquisas, a produção de conhecimentos e o trabalho em grupo. Essa transformação necessária pode ser traduzida pela adoção da pesquisa como princípio pedagógico. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2013)

O interesse demonstrado pelos alunos na utilização do *blog*, nas aulas de Língua Portuguesa, despertou, em mim, a vontade de realizar atividades mais desafiadoras, através das quais eles pudessem ser autores do próprio processo de aprendizagem.

Refleti que, para fazer um trabalho verdadeiramente organizado, deveria planejar todas as ações, predefinir o tempo, prever resultados e, para isso, passei a construir projetos que possibilitassem o letramento digital.

O projeto visa, dentre outras coisas, favorecer o senso crítico do aluno, fazendo com que este participe ativamente da elaboração e das discussões acerca do tema proposto. É contrário à educação tradicional, onde a escola é meramente instrutiva e vincula a instrução à aprendizagem.

Os conteúdos disciplinares não são abordados de forma isolada e imutáveis, mas sim de forma interdisciplinar e sempre voltados para a realidade social do educando. Dessa forma, possibilita uma aprendizagem significativa, ou seja, o tema abordado passa a fazer parte da vida do aluno e aquilo que ele aprendeu, no

desenvolvimento do projeto, é utilizado em sua vida e não esquecido, como é comum acontecer na educação tradicional.

Sendo assim, escolhi desenvolver projetos de letramento que pudessem, além de possibilitar aos alunos a aquisição das capacidades necessárias para se fazer um uso produtivo do ambiente virtual, também pudessem transformar a realidade deles e da comunidade na qual estão inseridos. Optei por trabalhar com alguns dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tais quais: Drogas, Bullying e Doenças Sexualmente Transmissíveis. A escolha dos temas foi motivada pelos problemas vivenciados na comunidade, na qual está inserida a escola. Esses são os temas dos principais projetos que vêm sendo desenvolvidos no *blog*, além de outros que são anualmente obrigatórios, como é o caso do Projeto Ano Cultural, criado pela Secretaria de Educação da Prefeitura de João Pessoa e que todos os anos homenageia um artista paraibano.

Os projetos foram pensados para proporcionar o trabalho em grupo e a aprendizagem cooperativa, através da qual os alunos constroem a aprendizagem juntos, interagindo, tirando dúvidas, colaborando uns com os outros. De acordo com Kassis (2007, *on-line*):

No construtivismo, o conhecimento é (re)construído pelo indivíduo nas interações com o ambiente externo. O aluno é o sujeito ativo no processo de aprendizagem, por meio da experimentação, da pesquisa em grupo, do estímulo à dúvida e ao desenvolvimento do raciocínio. Os conceitos são formados no contato com o mundo e com outras pessoas. O professor assume o papel de provocador e estimulador de novas experiências e deve ser capaz de propor estratégias ou caminhos para buscar respostas.

Em 2012, foram desenvolvidos dois projetos: o de prevenção do uso de drogas, intitulado “Não às drogas, sim à vida” e o do “Ano Cultural Herbert Vianna”. Postei um texto acrescido de um vídeo intitulado “Saiba os efeitos do Crack nas pessoas”. Os alunos foram ao laboratório para assistir ao vídeo e fazer a leitura do texto. Essa primeira etapa motivou um debate, em sala de aula, sobre o tema do projeto.

Num segundo momento, retornei ao laboratório para que os alunos pudessem ler e conhecer o projeto “Não às drogas, sim à vida”, que já estava postado no *blog* desde agosto de 2010. O projeto foi construído para ser de fácil compreensão do

público-alvo que são alunos do Ensino Fundamental II. Além da caracterização do problema, objetivos (principal e específicos), conteúdos curriculares e disciplinares envolvidos, o projeto dispõe de um Plano de Ações composto por três ações claras e objetivas. Também especifica o tempo necessário para sua execução, materiais e suportes necessários, fontes de pesquisa e formas de avaliação ao longo e ao final do projeto. Esses mesmos tópicos são encontrados nos demais projetos disponibilizados no *blog*, cujos temas já foram aqui mencionados.

Após a leitura do projeto “Não às drogas, sim à vida”, os alunos iniciaram a pesquisa sobre o tema, com questões previamente elaboradas por mim. Acompanhei todo o processo de pesquisa de perto, tirando dúvidas, auxiliando nas dificuldades que foram desde questões relativas ao tema, como questões referentes ao uso das ferramentas digitais.

Após as pesquisas, os alunos apresentaram seminários, através dos quais precisaram elaborar *slides*, construir vídeos com campanhas de prevenção às drogas, criar paródias, poemas, músicas, peças teatrais, teatros de bonecos, entre outros gêneros textuais. Os seminários foram apresentados no laboratório de informática e também em sala de aula, e, para isso, os alunos utilizaram computadores, internet, câmeras digitais, *pen-drive*, *data show*, celulares; enfim, vários recursos tecnológicos serviram de suportes para a execução desse projeto, o que o caracteriza como um projeto que possibilita o letramento digital. Muitos alunos, que não sabiam utilizar um ou outro suporte digital, aprenderam a usar na prática, o que tornou sua aprendizagem mais significativa.

Depois de todo esse trabalho, postei no *blog*, um relato de experiência vivida, com as etapas que foram concluídas e as fotos dos alunos. Após todos lerem o *post*, houve o momento destinado aos comentários, através dos quais os alunos expressaram suas opiniões, aprendizagens e experiências vividas na execução do projeto. Esse *post* gerou 58 comentários.

O segundo projeto trabalhado foi o do Ano Cultural Herbert Vianna. Para tal proposta, disponibilizei um *post* que trazia informações sobre o projeto, *links* para o aluno pesquisar a vida e a obra de Herbert Vianna, vídeo, letras de músicas e fotos do artista. Esse *post* gerou 34 comentários, através dos quais, participei estimulando os alunos a postarem suas opiniões sobre o que tinham aprendido, sobre os *sites* pesquisados através do *blog*, sobre suas preferências diante da obra do artista em questão.

Nessa fase inicial de uso do *blog*, enquanto ambiente propício para a promoção do letramento digital, deixei os alunos à vontade, sem levantar preocupação com a norma padrão da Língua Portuguesa, preocupação essa que se tornou evidente mais adiante (2013), após o período de adaptação. A intenção era, primeiramente, familiarizar o aluno com esse novo ambiente pedagógico, estimulando-os a serem espontaneamente participativos na exposição de suas opiniões, da mesma maneira que já fazem em outras redes sociais, como é o caso, por exemplo, do *facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

A seguir, nas figuras 13 e 14, podemos ver e ler uma pequena demonstração de como funcionaram as caixas de comentários dos dois projetos trabalhados no *blog*, em 2012, cujos desenvolvimentos foram aqui relatados. Procurei, através da participação nos comentários, estimular o aluno a expressar sua opinião. Muitos chegaram a publicar seus comentários fora do horário de aula, revelando um interesse pessoal pelo tema do projeto e pela participação no *blog*.

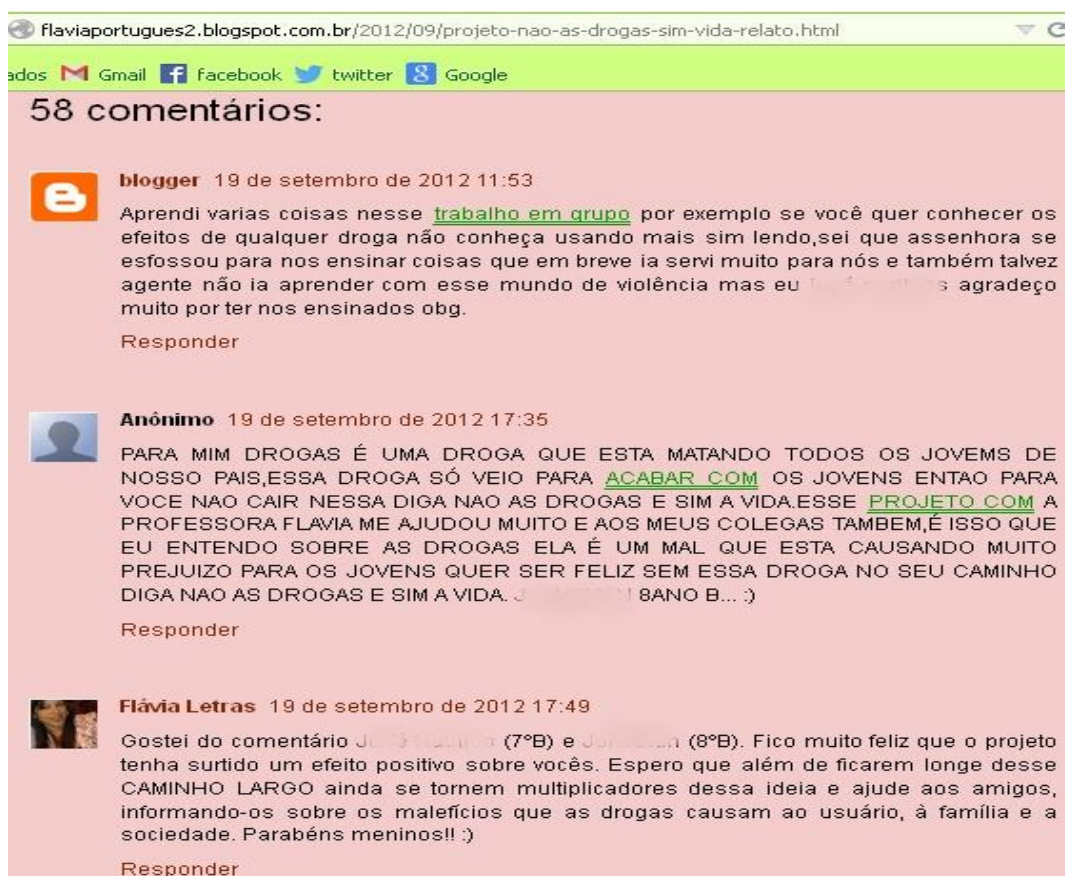


Figura 13 - Comentários sobre o projeto “Não às drogas, sim à vida” – 2012

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>



Figura 14 - Comentários sobre o Projeto “Ano Cultural Herbert Vianna” - 2012

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

3.3 Utilização do *blog* “A Leitura Liberta” nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II

Em 2013, os trabalhos no *blog* “A Leitura Liberta” continuaram, diferenciando-se do ano anterior no que se refere ao aprofundamento do letramento digital dos alunos. Busquei trabalhar mais o desenvolvimento da leitura e da escrita,

assim como a aprendizagem no manuseio do computador e de suas ferramentas de escrita e de edição de texto. Também houve maior preocupação em desenvolver as habilidades necessárias à leitura de hipertextos. Os trabalhos contemplaram três temas: Drogas, DST e Ano Cultural.

Iniciei as atividades no mês de maio, com os projetos de prevenção das DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis), intitulado “Viver bem é viver com saúde” e o de prevenção do uso de drogas “Não às drogas, sim à vida”. As turmas envolvidas foram duas do sétimo ano e duas do oitavo ano. As de sétimo ano desenvolveram o projeto de prevenção do uso de drogas e as de oitavo ano desenvolveram os projetos de prevenção das DST e o do Ano Cultural Elba Ramalho e Cátia de França.

O projeto de prevenção das DST, de minha autoria, tem as mesmas características, em termos estruturais, do projeto de prevenção do uso de drogas “Não às drogas, sim à vida”: público-alvo; definição e caracterização do problema (teórico e/ou prático); objetivos (principal e específicos); conteúdos curriculares e disciplinares envolvidos; plano de ações; tempo total de realização do projeto, fontes de pesquisa; formas de avaliação (ao longo e ao final do projeto). O projeto do Ano Cultural é de autoria da Secretaria de Educação e Cultura da prefeitura de João Pessoa - SEDEC.

Em maio, após os alunos lerem os *posts* dos projetos, instiguei-os para um debate, através do qual expuseram suas dúvidas com relação ao tema e, a partir daí, elaboramos juntos dez questões que foram pesquisadas, posteriormente, no laboratório de informática da escola. A pesquisa foi realizada em *sites* diversos, previamente pesquisados e avaliados por mim. Essa foi a primeira etapa do desenvolvimento dos dois projetos, com turmas diferentes, que teve cunho teórico, visto que os alunos precisavam de informações sobre o tema proposto.

Em julho, postei as definições das próximas etapas dos projetos que incluíram, respectivamente, seminários e relatos de experiência vivida. No caso do projeto referente ao Ano Cultural, o trabalho funcionou de forma diferente, pois o prazo para a produção textual (Carta Pessoal) dos alunos é predefinido pela SEDEC. As definições das próximas etapas foram importantes para detalhar cada passo que o aluno deveria seguir para concluir o projeto. Na figura 15, mostro uma pequena parte de como foram dispostas essas etapas.

flaviaportugues2.blogspot.com.br/2013/07/ano-cultural-2013.htm

Sites Sugeridos Google Importado do IE Histórico Saiba mais sobre o Go...

mas conectados. vamos as etapas:
Nosso trabalho terá as seguintes etapas:

- 1º pesquisa na internet e/ou em livros sobre a biografia das homenageadas: Cátia de França e Elba Ramalho;
- 2º Audição e análise interpretativa das músicas, na sala de aula;
- 3º pesquisa na internet do gênero textual Carta Pessoal;
- 4º detalhamento do gênero textual "Carta Pessoal", na sala de aula;
- 5º produção escrita de uma carta pessoal para uma das homenageadas. Caso você queira, poderá escrever uma carta para cada uma das homenageadas, sabendo que apenas uma das cartas será escolhida para ser encaminhada à comissão julgadora escolar.

Abaixo, disponibilizei alguns links para ajudar na pesquisa de vocês:



Biografia de Cátia de França:

<http://www.letras.com.br/#biografia/catia-de-franca>;
<http://www.webletras.com.br/catia-de-franca/biografia>;

Músicas de Cátia de França:

<http://letras.mus.br/catia-de-franca/#mais-acessadas/1473723>;
<http://www.vagalume.com.br/catia-de-franca/>.

Corpo do texto
(assunto)

Despedida,

Assinatura

Figura 15 – Projeto “Ano Cultural Elba Ramalho e Cátia de França” – 2013.

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Para realizar a pesquisa do projeto “Ano Cultural”, os alunos usaram o *blog*, pois nele estavam dispostos os links, como pode ser visto na figura 15, de *sites* previamente selecionados, tanto para a biografia das homenageadas, como para o gênero textual “Carta Pessoal”. Deixei-os à vontade para pesquisar em outros *sites*, desde que verificassem a fonte das informações. Dei dicas para uma pesquisa segura, que os capacitasse para saber se um *site* é confiável, tais como: verificar se a matéria está assinada por alguém; se assinada, pesquisar sobre o autor para saber se há informações que o torne confiável; dar prioridade a *sites* educacionais; priorizar *sites*,

cujos endereços iniciem por “*https*”, verificar se o *site* está associado a um portal, como por exemplo o “Brasil Escola” que está associado ao portal R7, etc.

Após o término da pesquisa, os alunos postaram no *blog*, através de comentários, o que aprenderam e qual a importância de tudo que foi pesquisado. Nas figuras 16 e 17, a seguir, trago dois recortes dos comentários dos alunos sobre o que aprenderam nas pesquisas.

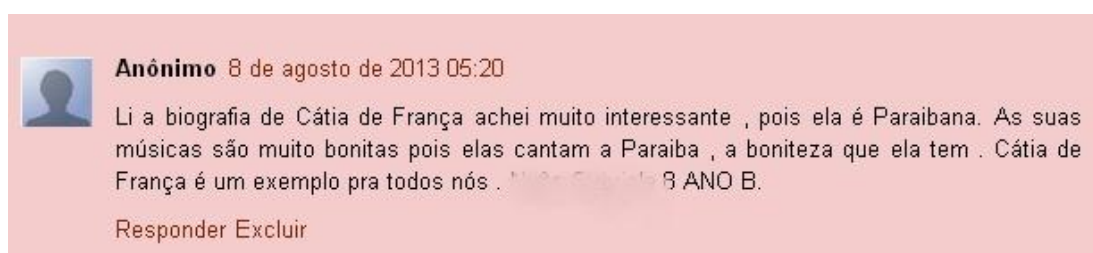


Figura 16 – Comentário referente à pesquisa sobre a biografia de Cátia de França

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

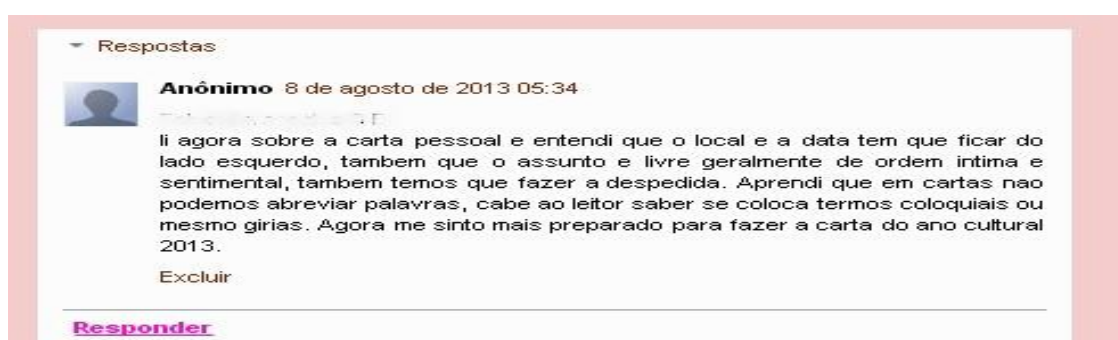


Figura 17 – Comentário sobre o gênero textual “Carta Pessoal”

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

A figura 18, a seguir, refere-se ao projeto sobre DST e como foram organizadas as etapas do seminário sobre esse tema. É importante salientar que as atividades propostas tornam o aluno autor do próprio conhecimento e o professor torna-se um orientador dessa aprendizagem. Observe, na figura 18, que é necessário que o aluno entre em contato com diversos gêneros textuais ao mesmo tempo e esse contato vai ocorrendo de forma espontânea, tornando sua aprendizagem mais significativa. Há um objetivo e, para alcançá-lo, o aluno vai desenvolvendo novas habilidades de

apreensão e compreensão de diversos tipos de textos. A oratória também é desenvolvida a partir do momento que precisam apresentar o resultado de todo o trabalho para a turma, oralmente, através de seminários.

portugues2.blogspot.com.br/2013/07/definicao-da-seguinte

Google Importado do IE Histórico Saiba mais sobre o Go...

Essa parte teórica já foi avaliada e agora, nesse segundo semestre, iremos para a parte prática, na qual vocês se dedicarão a um único subtema e apresentarão seminários para a turma. Os seminários serão compostos por, no máximo, seis alunos e deverão ser organizados da seguinte forma:

Grupo A: João, Pedro, Ana, etc...(até 6 pessoas)
Tema do Projeto: DST
Subtema: Principais DST
Recursos midiáticos: Computador, data show, vídeos, slides, músicas, etc
Gênero textual do trabalho final: peça teatral
Data: 15/07/13 (2 aulas)

Os trabalhos finais, ou seja, aquela apresentação que será feita no final do seminário, ficarão a critério de cada grupo que poderá escolher uma dentre as seguintes opções:



- 1- Entrevista: entrevistar um profissional de saúde: médico (a) ou enfermeiro (a).
- 2- Peça Teatral
- 3- Paródia
- 4- Poema declamado (voz e violão)
- 5- Trazer um álbum seriado com as principais DSTs
- 6- Palestra: trazer um profissional de saúde para dar uma palestra para a turma sobre o tema Prevenção das DSTs.
- 7- Dinâmica de grupo

Figura 18 – Projeto “Viver bem é viver com saúde”– 2013

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Os seminários foram apresentados em sala de aula e, logo após, cada grupo apresentou um trabalho final, que contemplou diversos gêneros textuais, tais como: paródia, peça teatral, poema, entrevista, dinâmica de grupo. Deixei a critério do grupo o gênero textual que gostariam de desenvolver e apresentar. Foi um trabalho muito produtivo que, começou no *blog* e teve continuidade na sala de aula.

Todas as atividades que foram idealizadas para serem realizadas fora do *blog* foram importantes para colocar o aluno diante da necessidade do uso produtivo das

mídias digitais. A intenção foi fazer o aluno vivenciar, no seu cotidiano escolar, o uso dessas tecnologias para realização de atividades diversas, necessárias à realização do projeto, que foi iniciado e deveria ser finalizado no *blog* através de um “Relato de Experiência Vivida”. Essa vivência promoveu o letramento digital desses alunos, pois foram espontaneamente fazendo uso dos gêneros que fazem parte do universo digital.

O *blog* foi utilizado como fonte de pesquisa, como guia para orientar as atividades, como meio para estabelecer a comunicação e a interação entre aluno-professor e aluno-aluno e acima de tudo, como estratégia pedagógica para promover o letramento digital dos alunos. A leitura e a escrita, nesse ambiente virtual, não tiveram um fim em si mesmas, pois foram norteadas por um projeto de letramento, que deu sentido a todas as atividades diversas que foram executadas. Tornei o trabalho com o *blog* mais significativo quando estendi seu alcance para além do universo virtual, fazendo com que o aluno não resuma suas ações apenas a esse ambiente e, sim, para o mundo real, praticando, aprendendo, interagindo e se comunicando com sua comunidade escolar.

Dentre os gêneros digitais mais usados pelos alunos, podemos citar o hipertexto, que foi necessário no momento das pesquisas realizadas dentro e fora do *blog*. Foi necessário prepará-los para trabalhar de forma produtiva com esse tipo de texto, pois, quando deixados à vontade, sentiam-se induzidos a clicar nos *links*, sem critério de seleção das informações, e, acabavam por perder o foco da pesquisa. Precisei orientá-los sobre como lidar com esse gênero digital para que a pesquisa pudesse fluir e ser concluída com êxito.

Os alunos precisaram ler muito em *sites* educativos, *blogs* educacionais, assistir vídeos, usar o computador e o celular para diversas outras atividades. No quadro 04, a seguir, faço uma compilação das mídias utilizadas e os objetivos dessa utilização em detrimento da execução dos projetos.

Quadro 04 - Compilação das tecnologias mais usadas pelos alunos no desenvolvimento das atividades solicitadas no *blog*

Mídias digitais usadas pelos alunos para a realização do seminário	
Tecnologias	Objetivo do uso
Computador	• Acesso à internet; • Digitar os textos que foram publicados no <i>blog</i> “A Leitura Liberta”; • Criar pastas para guardar os arquivos oriundos das pesquisas dos alunos; • Assistir e baixar vídeos; • Ouvir e baixar músicas; • Construir os slides do seminário
Celular	• Assistir e baixar vídeos; • Ouvir e baixar músicas; • Baixar fotos; • Realizar entrevistas; • Arquivar vídeos, músicas e slides para apresentar no seminário; • Compartilhar vídeos, músicas e slides com os colegas, referente ao seminário.
Datashow	• Exibir vídeos, fotos e slides do seminário.
CD-RW e CD-R	• Arquivar vídeos, músicas e slides do seminário.
Pen Drive	• Arquivar vídeos, músicas e slides do seminário.
Micro-Sistem	• Ouvir músicas para a dinâmica de grupo.

Fonte: elaborado pela autora

Após o seminário, os alunos pesquisaram sobre o conceito e as características de um relato de experiência vivida, para, posteriormente, elaborarem seus

próprios relatos. Então, no mês de agosto, postei como deveria ser realizada esta última etapa. Podemos ver, na figura 19, a seguir, como os alunos foram convidados a postar seus relatos no *blog*.



Figura 19 – Post sobre a última etapa do Projeto: Relato de Experiência Vivida

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Foi permitido aos alunos, que postassem no seu relato *links* de sites, vídeos, músicas e outros recursos digitais que foram usados por eles na execução do seminário. A intenção foi fazer com que o aluno entendesse como se cria um hipertexto, apesar da caixa de comentários do *blog* não possibilitar a ativação dos *links*. Foi uma atividade válida para que pudessem experimentar as ações que levam à criação desse tipo de texto. Essas ações são basicamente selecionar e copiar o *link*, na *web*, do arquivo desejado e colar dentro do texto que está sendo construído, podendo o *link* ficar, ou não, associado a uma palavra deste texto. A integração de aspectos sonoros, visuais e verbais, tais como vídeos, imagens, músicas e links fazem de um texto, um hipertexto. Esse foi o conceito que os alunos adquiriam através das pesquisas e da construção dos textos postados por mim e por eles no *blog*.

O relato de experiência passou pelas seguintes etapas: escrita no editor de texto; revisão e formatação; publicação no *blog*. Nesse processo, o aluno desenvolveu habilidades necessárias para a alfabetização e o letramento digital. As ações precisaram ser feitas e refeitas diversas vezes até que se chegasse a um produto final desejável. Houve, nessa fase, uma preocupação maior com a estética do texto, ortografia, concordância, escolha de palavras e expressões mais apropriadas, enfim, nessa fase os alunos foram levados a produzir uma escrita digital com mais responsabilidade, dentro da norma culta da Língua Portuguesa. Até então, eles não tinham essa preocupação em editar e reeditar o que escreviam e o faziam diretamente no *blog*, sem passar antes pelo editor de texto, mas a partir da construção do relato de experiência, mostrei que é preciso ter esse cuidado com a autoria do que se escreve na *web*, com a correção gramatical e com a veracidade das informações. Na figura 20, a seguir, temos um dos relatos de experiência publicados no *blog*.



Figura 20 – Relato de experiência publicado no *blog*

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Para executar este trabalho, o aluno precisou aprender tanto a manusear a parte física (*Hardware*) do computador (*mouse*, teclado, etc) quanto a parte lógica (*Software*), como é o caso do sistema operacional (*Windows* ou *BrOffice*). Foi um trabalho intenso e de muita produtividade. A cada tentativa malsucedida do aluno, uma nova oportunidade para trabalhar as falhas e aprender. Muitos nunca haviam digitado textos na internet, no máximo, pequenos comentários nas redes sociais, sem preocupação nenhuma com a correção gramatical e com a autenticidade das informações. Outros não sabiam usar os editores de textos e precisaram aprender a digitar e formatar, enquanto elaboravam seus textos. Foram muitas idas ao laboratório de informática, mas, no final, o resultado foi motivador.

Os trabalhos continuaram ainda no mês de outubro e novembro, quando trabalhei com mais um projeto intitulado “Bullying: a conscientização é o melhor remédio”. Este projeto, de prevenção à prática do *bullying*, foi aplicado em três etapas que visavam capacitar o aluno para ser um disseminador da ideia de não violência.

Na primeira etapa, os alunos usaram o *blog* para a realização da pesquisa, através dos *links* disponibilizados. Leram opiniões de diversos autores em *sites* educativos diferentes e buscaram o máximo de informações sobre o tema. Na segunda etapa, promovi um debate em sala de aula. Por último, os alunos elaboraram e postaram no *blog* um texto do gênero “Artigo de Opinião”. Na figura 21, trago o recorte de um desses textos produzidos.

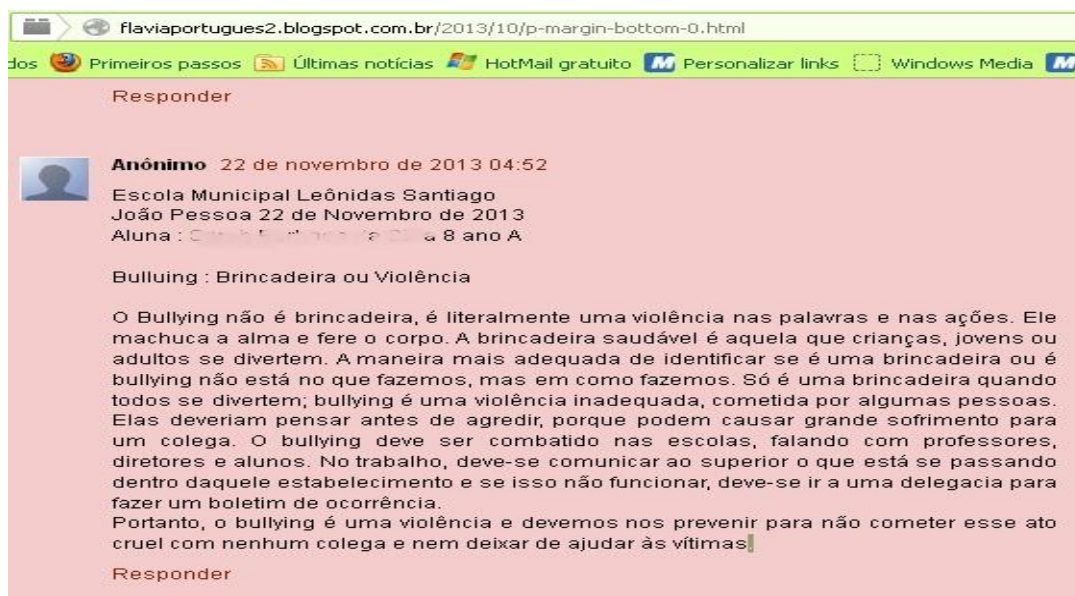


Figura 21 – Artigo de Opinião sobre o *Bullying*

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Através das opiniões deles, pude perceber que o objetivo do projeto, que é o de tornar o aluno um disseminador da não violência dentro e fora da escola, foi alcançado.

Observei que o interesse pelas aulas de Língua Portuguesa foi crescente, aumentando consideravelmente quando passamos para a fase da escrita digital dos relatos de experiência e dos artigos de opinião. Ler e escrever no *blog* passou a ser a

atividade mais solicitada pelos alunos na sala de aula, ocorrendo também em casa, espontaneamente.

A qualidade da escrita também foi algo que melhorou consideravelmente. No início dos trabalhos, esta se resumia a breves comentários sobre os projetos trabalhados. Ao longo do tempo, ela foi sendo aprimorada e os comentários foram substituídos por outros gêneros mais elaborados como foi o Relato de Experiência Vivida e o Artigo de Opinião. A escrita tornou-se mais elaborada, tornando-se também mais extensa, o que revela a superação de uma das maiores dificuldades dos alunos quando solicitados a escrever dentro ou fora do *blog*. Nas figuras 22 e 23, a seguir, poderemos comparar o desenvolvimento da escrita dos alunos do ano de 2012 para o ano de 2013.

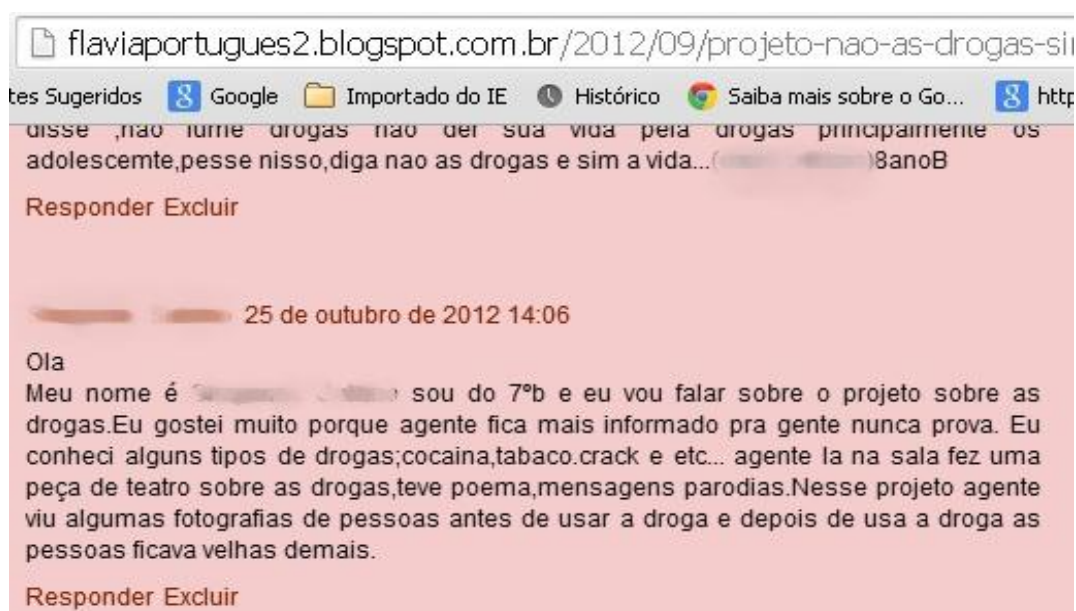


Figura 22 – Comentário no *blog*, em 2012

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

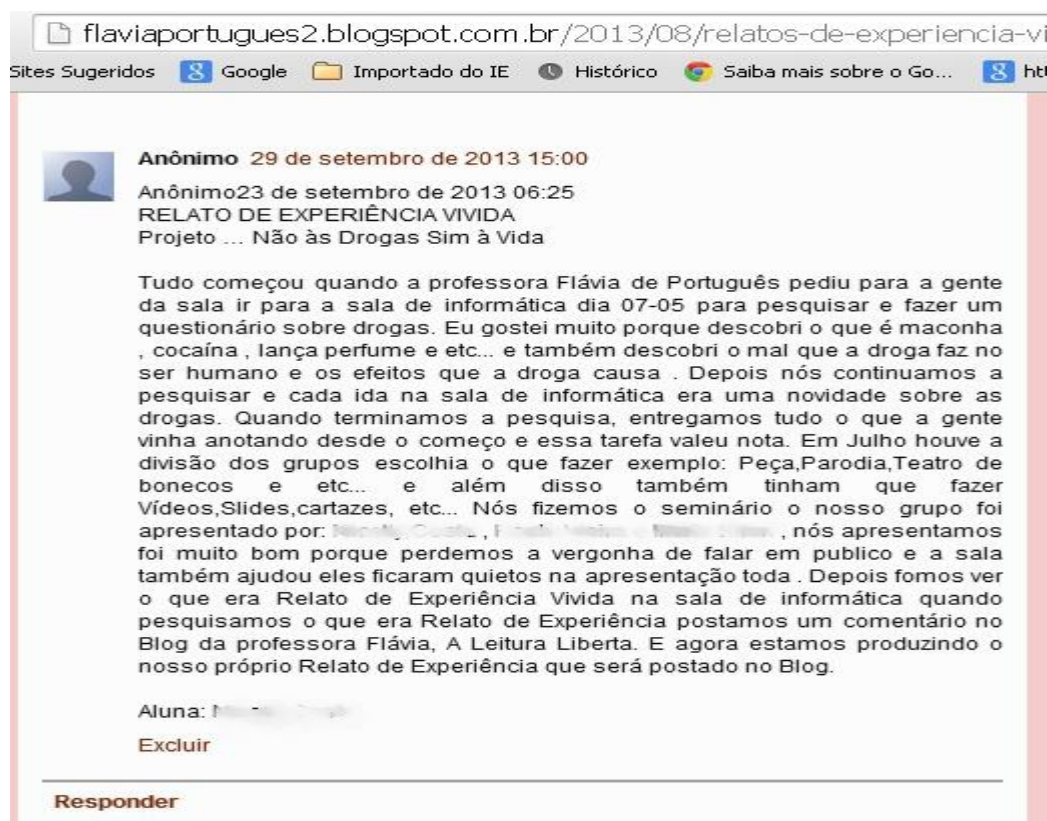


Figura 23 – Comentário no *blog*, em 2013

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Além dos gêneros que foram produzidos pelos alunos, houve o trabalho com diversos outros gêneros textuais, no decorrer das atividades, sem que fosse necessária a exposição dos conceitos e objetivos de cada um, para que o aluno soubesse utilizá-lo de forma adequada. Produziram poemas, paródias, músicas, peça teatral, teatro de bonecos, entrevistas, etc. Todas as atividades contribuíram para a promoção da autonomia, da cooperação, da interatividade, da oralidade, da escrita digital e da leitura no ciberespaço. Tudo pode ser visto na página do *blog* “A Leitura Liberta”, no *facebook*⁷.

Quanto à oralidade, no mês de outubro de 2013, um grupo de alunos que participou do projeto de prevenção do uso de drogas, “Não às drogas, sim à vida”, foi convidado para representar a EMEF Leônidas Santiago, na III Mostra de Prevenção às Drogas e à Violência da Rede Municipal de Ensino, organizada pela Secretaria de

⁷ Para ver todas as fotos e vídeos das atividades acesse “A Leitura Liberta”, no *facebook*, no endereço: <https://www.facebook.com/ALeituraLiberta>

Educação da Prefeitura Municipal de João Pessoa - SEDEC. O evento ocorreu na Estação Cabo Branco – Ciência, Cultura e Artes no dia 17 de outubro de 2013.

Os alunos apresentaram um poema autoral e uma versão musical, ambos são frutos dos trabalhos realizados no *blog*⁸. Os dois momentos podem ser vistos na figura 24.



Figura 24 – Apresentação dos alunos na Estação Cabo Branco

Extraído de: <http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/>

Quanto à navegação no ciberespaço, os alunos fizeram uso de estratégias cognitivas e metacognitivas que permitiram o direcionamento, a organização, o monitoramento e a avaliação crítica das informações adquiridas.

Esse processo permitiu que eles conseguissem transformar informação em conhecimento. O contato constante com o hipertexto desenvolveu o hábito com a multiplicidade de sentido e caminhos desse gênero virtual.

Os alunos aprenderam que para navegar de forma crítica e consciente no ambiente virtual é necessário buscar técnicas de navegação segura. Através de estratégias metacognitivas foram se tornando capazes de determinar a autenticidade, confiabilidade e legalidade das informações.

⁸Ver mais detalhes sobre o evento, fotos, vídeos, poema e letra da versão musical, no *blog* “A Leitura Liberta”, através do endereço: http://flaviaportugues2.blogspot.com.br/2013/10/iii-mostra-de-prevencao-as-drogas-e_18.html

A colaboração foi sendo aprimorada a cada visita ao *blog*. As dúvidas eram compartilhadas e solucionadas em grupo. As ferramentas de comunicação através de recados, mensagens e comentários foram usadas para manter contato com os colegas e comigo, enquanto orientadora de todo o processo.

Os trabalhos desenvolvidos contribuíram não só com o desenvolvimento do letramento digital dos alunos, mas principalmente, com a formação deles enquanto cidadão críticos, atuantes socialmente, capazes de expor suas próprias opiniões de forma crítica e consciente, saindo da condição de meros receptores de informação e tecnologia.

3.4 Dificuldades apresentadas pelos alunos nos trabalhos com o *blog* “A Leitura Liberta”

Muitas foram as dificuldades apresentadas pelos alunos durante os trabalhos de leitura e de escrita no *blog* “A Leitura Liberta”. Uma pequena parte deles pertence a um grupo que não tem acesso frequente a computadores e à internet, não possui perfil em rede social e só utiliza a internet na escola. Isto implica que esses alunos necessitaram de maior atenção, pois não tinham o hábito de usar as ferramentas de digitação de texto, não tinham familiaridade com o ciberespaço, não utilizavam a escrita em tela, enfim, não tinham a facilidade de uso que os nativos digitais têm. Para esse grupo foi necessário oportunizar condições especiais com o intuito de que fosse assegurado seu direito ao letramento digital.

Ribeiro *et. al* (2012, p. 43), quando aborda as condições necessárias para se alcançar o letramento digital, afirma que “as pessoas precisam aprender ações que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina até a leitura dos gêneros de texto publicados em ambientes *on-line* e expostos pelo monitor”. Sendo assim, segundo a autora, é necessário que os alunos tenham conhecimentos prévios tais como: uso do teclado, do mouse, dar dois cliques para abrir programas, um clique para acessar *links*, usar *logins* e senhas, etc. Após essa fase de alfabetização digital, estarão prontos para iniciar o letramento digital através da navegação e da participação na leitura, na escrita em tela (RIBEIRO *et. al.*, 2012, p. 44).

A complexidade dos trabalhos realizados no *blog* aumentou à medida que fui desenvolvendo atividades que necessitavam de mais interatividade por parte dos alunos. Percebi que nem todos eram alfabetizados digitais, nem familiarizados com a internet, apesar de terem nascido a partir do ano 2000, época da chamada geração Z, que é a geração dos nativos digitais, como bem define Cechettini quando cita as características dessa geração:

São os “Nativos Digitais”, a geração do *Google*, esses parecem que já nasceram com um *chip*, imersos na Internet, nas redes sociais, nos *smartphones*, *notebooks*, *iPhones*, *iPads*, *e-books* e que já forma um grupo expressivo. São calculistas, práticos, imediatistas, criados dentro das redes sociais e com baixo poder de concentração. Para esses o verbo é “zapear”, daí o “Z”. (CECCHETTINI, *apud* SANTANA, *on-line*)

Pierre Lévy (1999, p. 237) assevera que: “toda nova tecnologia cria seus excluídos”. Infelizmente, as desigualdades sociais continuam a existir no Brasil, mesmo na era das tecnologias digitais. É preciso pensar na exclusão digital para que esta não venha a se expandir, criando um abismo ainda maior entre os que têm acesso e os que não têm acesso às tecnologias. A escola tem um papel muito importante nessa inclusão, pois é através dela que muitos jovens podem sair dessa condição de excluído digital e se apropriar das novas habilidades necessárias à atuação nos ambientes virtuais e futuramente, atuar em uma sociedade tecnologicamente conectada.

As maiores dificuldades demonstradas por esse grupo referem-se à digitação e à formatação de textos e navegação na internet. Mas, não foi apenas esse grupo que apresentou dificuldade. Os demais que possuem acesso frequente à internet, geralmente através do celular, também precisaram de orientação por diversos outros motivos.

No quadro 05, a seguir, estão disponíveis todas as dificuldades apresentadas pelos alunos e as estratégias que desenvolvi para solucionar o problema a fim de contribuir para o letramento digital dos envolvidos na pesquisa.

Quadro 05 – Dificuldades apresentadas pelos alunos nos trabalhos com o blog “A Leitura Liberta” e as respectivas estratégias de solução

Dificuldades Apresentadas	Estratégias de Solução
1- Dificuldade para encontrar o <i>blog</i> na busca do <i>Google</i> .	- Mostrar para o aluno que o uso de palavras-chave deixa a pesquisa mais objetiva; - Formar dupla com alunos mais experientes também favorece a aprendizagem.
2- Dificuldade para encontrar o <i>post</i> desejado.	- Mostrar para o aluno que o <i>blog</i> possui três ferramentas para encontrar um <i>post</i> desejado com mais rapidez: ✓ Arquivo do <i>blog</i> ✓ Pesquisar este <i>blog</i> ✓ Postagens populares
3- Inabilidade no uso das ferramentas do computador: <i>mouse</i> e teclado.	Mostrar para o aluno como essas ferramentas podem ser utilizadas na navegação do <i>blog</i>.
4- Dificuldade para encontrar a caixa de comentários do texto a ser trabalhado.	- Mostrar para o aluno que existem duas formas de acessar a caixa de comentários de um texto lido: ✓ Clicando sobre a palavra “comentário” no final do texto; ✓ Clicando no título do texto para acessá-lo em uma página individual e descer a barra de rolagem até o final do texto, onde estará a caixa de comentários.
5- Dificuldade para postar o comentário depois de finalizada a digitação.	- Mostrar para o aluno que há duas formas para enviar seu comentário: ✓ Conectando-se ao seu <i>e-mail</i>; ✓ Escolhendo a opção “Anônimo”, desde que coloque sua assinatura e o ano que cursa, no final de seu comentário.
6- Desconhecimento de recursos básicos da digitação e da formatação.	Mostrar para o aluno como se usa as ferramentas básicas de digitação, edição e formatação de um editor de texto.
7- Digitação lenta.	Sugerir que o aluno digite todo o texto para só depois utilizar o corretor ortográfico do editor de texto, a fim de agilizar a digitação e não quebrar o raciocínio do aluno que constrói seu texto diretamente na tela.

Fonte – Elaborada pela autora, a partir da observação e intervenção junto aos alunos.

Outra grande dificuldade enfrentada pelos envolvidos nesta pesquisa foi a qualidade da internet disponível no laboratório de informática da escola. Um *Mega Byte* distribuído para 27 (vinte e sete) computadores. A conexão caía com frequência, era lenta e, além disso, os computadores necessitavam de manutenção. Muitas vezes, foi preciso interromper as atividades devido às falhas na conexão. Assistir aos vídeos e ouvir as músicas que foram postadas no *blog* também foi algo que nem sempre aconteceu, ficando os alunos com a opção de acessá-los em casa ou em *Lan-House*,

quando possível. Porém, com todas as dificuldades, conseguimos realizar todas as atividades propostas.

Considerações Finais

Considerando o objetivo geral desta pesquisa, que é sugerir como utilizar o *blog* nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, enquanto recurso e estratégia pedagógica no desenvolvimento do letramento digital, acredito tê-lo alcançado, visto que foi exposto, ao longo do capítulo 3, como o *blog* “A Leitura Liberta” foi criado e incorporado às aulas de Língua Portuguesa a fim de proporcionar o letramento digital de alunos do Ensino Fundamental II.

Além de caracterizar o letramento digital em todo seu contexto que envolve também a alfabetização digital e o ensino, também busquei compreender como as ideias pedagógicas de aprendizagens são pensadas e incorporadas na construção e uso dos *blogs*. Caracterizei todas as ferramentas de interação e comunicação necessárias ao contanto professor-aluno e aluno-aluno. Mostrei que é possível potencializar um *blog* pedagógico inserindo ferramentas de sites externos que promovam o diálogo, o que motiva a leitura e a escrita digital, atraindo leitores de outras redes sociais para este ambiente educacional.

Relatei as experiências de uso do blog na mediação do processo de ensino-aprendizagem, através dos trabalhos realizados com os alunos. Demonstrei que a alfabetização e o letramento digitais são mais significativos quando ocorrem ao mesmo tempo, proporcionando ao aluno uma experiência mais produtiva no ambiente virtual de ensino. O aluno que apresentou dificuldades, as superou na prática, desenvolvendo seu trabalho no blog, lendo e escrevendo ao mesmo tempo em que aprendia as habilidades necessárias à navegação e ao manuseio das ferramentas digitais.

Aumentar o interesse nas aulas de Língua Portuguesa foi um benefício enorme tanto para mim, quanto para os alunos que se sentiram mais motivados pela leitura e pela escrita, algo que era raro conseguir nas aulas promovidas apenas no ambiente tradicional da sala de aula. No ambiente virtual do *blog*, os alunos liam e

escreviam de forma espontânea, pois tinham um objetivo maior que era alcançar os resultados desejados para a execução dos projetos de letramento, cujos temas eram todos de interesse da turma. Essa motivação teve reflexo na melhoria da indisciplina na sala de aula, o que contribuiu para uma maior assimilação dos conteúdos da disciplina.

A melhoria na escrita foi alcançada, como pôde ser vista nas figuras 22 e 23, no capítulo 3. Muitos alunos, antes dos trabalhos com o *blog*, quando solicitados a escrever sobre algo, afirmavam não saber o que escrever. Quando conseguiam, faziam em poucas linhas e muitos erros de ortografia, demonstrando a falta de informação e de habilidade com a escrita. No ambiente virtual, suas escritas eram limitadas a recados nas redes sociais ou pequenas mensagens de texto, através do celular. Depois do *blog*, houve uma significativa mudança, não só na qualidade da escrita, mas também, na importância que o aluno passou a dar para o que se lê e o que se escreve no meio digital.

Quanto às atividades propostas através do *blog*, expus a importância do planejamento através dos trabalhos com projetos pedagógicos bem elaborados, que levem em consideração a faixa etária dos alunos. As ações dos projetos que trabalhei foram detalhadas em sequências didáticas simples, que transmitiram, com clareza, o que eu desejava do aluno em cada etapa. A linguagem utilizada nos *posts* é muito importante, pois deve ser leve, dinâmica, e acima de tudo, motivadora.

Realizei um mapeamento de uso do *blog* educacional, no capítulo 3, detalhando cada ação realizada por mim e seu efeito sobre as ações dos alunos, no desenvolvimento de cada projeto. Todas as atividades contribuíram para a promoção da autonomia, da cooperação, da interatividade, da oralidade, da escrita digital e da leitura no ciberespaço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: SCHLÜNZEN JUNIOR, Klaus, (Org.). Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____, Maria Elizabeth B. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marcos (Org.). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.

ARAÚJO, Rosana Sarita. LETRAMENTO DIGITAL: CONCEITOS E PRÉ-CONCEITOS. 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação – Multimodalidade e Ensino. 1ªed. 2008. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/Rosana-Sarita-Araujo.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2013.

BATISTA, Francisco Honório Araújo. Grupos Geracionais e o comprometimento organizacional: um estudo em uma empresa metalúrgica de Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul, 2010.

BETTEGA, Maria Helena Silva. A educação continuada na Era digital. São Paulo: Cortez, 2004.

BOEIRA, A. F. **Blogs na Educação:** Blogando algumas possibilidades pedagógicas. 2009. Disponível em: <http://www.ead.ufpb.br/file.php/920/Biblioteca/Materiais_de_aula/artigo_blog_adriana_boeira.pdf> Acesso em: 01 jun. 2013

BRASIL (1998) Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF.

BUZATO, M.(2004) As (Outras) Quatro Habilidades.TE@D Revista Digital de Tecnologia Educacional e Educação à Distância. Nº 1, Novembro, 2004. Disponível em <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos%20pdf/artigo4.pdf>. Acesso em: 02 de nov. de 2012.

CAVALCANTE, Meire. Alfabetização: Todos podem aprender. Nova Escola, São Paulo, n. 190, p. 29, mar. 2006.

CECCHETINI, Eliane El Badouy. Introdução. *In: Inovação e Métodos de Ensino para Nativos Digitais.* VERAS, Marcelo (Org.). São Paulo: Atlas, 2011 (p. 1-18)

COSCARELLI, Carla Viana (Org). Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar. 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 144p.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, Brasília, 2013.cap 102.

FACEBOOK. Social Plugins. Disponível em:
<https://developers.facebook.com/docs/plugins/>>

Acesso em: 12 set. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRO, Emília. O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisas/ Alfabetização Digital. Do que estamos falando? São Paulo: Cortez, 2013.

FREITAS, M.T.A. A escrita na Internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo? In: Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. (Org.) FREITAS, M.T.A & COSTA, S.R. 2ª ed. Belo Horizonte: Antêntica, 2006.

GALDINO, D. R. B. & MACIEL, J. W. G. *Blog: uma ferramenta de interação no processo de ensino-aprendizagem*. In: IV Semana de Humanidades. Guarabira-PB: UEPB, 2007. CD-ROM.

GASPERETTI, M.. Computador na Educação: Guia para o ensino com as novas tecnologias. São Paulo: Editora Esfera, 2001.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

KASSIS, A. Os blogs em processos de aprendizagem cooperativa e avaliação formativa. Juiz de Fora-MG, 2007.66p. Monografia Curso de Especialização em Gestão de Educação a Distância. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em:
 <<http://todosonline.com.br/ead/file.php/11/Blogosfera/Monografia-GEAD-UFJF-A A. Kassis.pdf>>

Acesso em: 1 nov. 2013.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do Letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

_____, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”.

In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do letramento. Campinas, S.P.:

Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.

LEMOS, Marcos. Seu Blog não é nada na Blogosfera. Em: <<http://www.ferramentasblog.com/2012/04/seu-blog-nao-e-nada-na-blogosfera.html>> Acesso em: 22 out. 2013.

LÉVY, Pierre. Ciberultura. São Paulo: Ed.34, 1999.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Ed. 34, 2011.

LIRA, Thiago Espíndola. ; MACIEL, João Wandemberg Gonçalves. O letramento digital e a reciprocidade discente/docente. In: Encontro Nacional de Letramento, 2008, João Pessoa. Anais do Encontro Nacional de Letramento. João Pessoa: Idéia, 2008. p. 1172-1175.

Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil. (2000). Acesso em 10 de agosto de 2013. de <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18878.html>.

LOSSO, Cláudia Regina; CRISTIANO, Marta Adriana da Silva. Edublogs - construção e a disseminação do conhecimento de forma colaborativa e cooperativa. Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID). 2011, p.131-144. Disponível em : < <http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n6/REID6art8.pdf> > Acesso em: 10 set. 13.

MACHADO. João Luís de Almeida. Alfabetização Digital: mais que um conceito, uma necessidade. Em:< <http://cmais.com.br/educacao/titulo-58>>. Acesso em: 01 de nov. de 2013.

MANTOVANI, Ana Margô. *Weblogs na Educação: Construindo Novos Espaços de Autoria na Prática Pedagógica*. Disponível em <http://www.tise.cl/archivos/tise2005/02.pdf>. Acesso em: 12 de jun de 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos (eds.), Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORAN, J. M. Leitura dos meios de comunicação. São Paulo: Pancast, 1993.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 128p.

NETO, Adolfo Tanzi (*et. al*). Multiletramentos em Ambientes Educacionais. (Org.) Roxane Rojo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013.

NÓBREGA, M. O; MACIEL, J. W. G.. Letramento digital: um terreno fértil para o multiculturalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE LETRAMENTO. Disponível em: <<http://gehaete.uepb.edu.br/trabalhos/2008/mai/7.pdf>.> Acesso em: 10 jun. 2012.

NOVA ESCOLA. PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais. Nº. 111, ANO XIII. 1998.

OLIVEIRA, Márcia Regina. Interação na blogosfera. In: Linguística da Internet.(Org.) Tânia G. Shepherd e Tânia G. Saliés. – São Paulo: Contexto, 2013.

ORDUÑA, Octavio L. Rojas; ALONSO, Julio; ANTÚNEZ, José Luis; ORIHUELA, José Luis; VARELA Juan. Blogs: Revolucionando os meios de comunicação. São Paulo: Thomson Learning. 2007.

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001). Tradução do artigo "Digital natives, digital immigrants", cedida por Roberta de Moraes Jesus de Souza: professora, tradutora e mestranda em educação pela UCG.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº36, Agosto de 2008a, pág. 122-128. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf. Acesso em: 11 set 2013

Projeto nota 10. Alfabetização: Crianças aprendem a ler e escrever na areia da praia. Nova Escola, São Paulo, n. 170, p. 47-48, març. 2004.

RAMAL, A.C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIBEIRO, Ana Elisa; FONSECA, Gabriel Machado de C.; SANTOS, Élerson R.S. O Site da Escola como Operador do Letramento Digital. Disponível em: < http://www.br-ie.org/WIE2010/pdf/st07_01.pdf> Acesso em: 10 set. 2013.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paullus, 2004.

SANTANA, Ana Cristina Almeida. Nativos digitais, professores analógicos: como motivá-los? Em: <http://midia.unit.br/enfoque/2013/GT5/NATIVOS_DIGITAIS_PROFESSORES_ANALOGICOS_MOTIVA_LOS.pdf>. Acesso em: 02 de nov. de 2013.

SCHITTINE, Denise. Blog: comunicação e escrita na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 97.

SILVEIRA, D.T; CÓRDOVA, F.P. Métodos de pesquisa/(organizado por) Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica _ Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 3ª ed. , São Paulo: Contexto, 2005.

_____, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: Educação & sociedade. Campinas, vol. 23, n. 81, p.143- 160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 09 jun. 2012.

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NO BRASIL. Livro verde. Brasília, DF: Socinfo/MCT, 2000. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18878.html>> Acesso em: 11 set. 2013

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. 2007. Disponível em: <www.ppgp.caedufjf.net/mestrado/linguagem_1_3/letramento_digital_e_ensino.pdf>

Acesso em: 01 nov. 2013.